



**Instituto Superior de Ciências Educativas**

**Departamento de Educação**

## **O conto e o reconto como estratégia enaltecadora da oralidade**

Maria Arlinda Costa de Carvalho Batina

Relatório final para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré- Escolar

Orientadora:

Professora Rita Brito, Instituto Superior de Ciências Educativas

Co-orientadora:

Professora Helena Raposo, Instituto Superior de Ciências Educativas

23 de junho, 2014



**Instituto Superior de Ciências Educativas**

**Departamento de Educação**

## **O conto e o reconto como estratégia enaltecadora da oralidade**

Maria Arlinda Costa de Carvalho Batina

Relatório final para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré- Escolar

Orientadora:

Professora Rita Brito, Instituto Superior de Ciências Educativas

Co-orientadora:

Professora Helena Raposo, Instituto Superior de Ciências Educativas

23 de junho, 2014

### Resumo

Partindo do princípio que a educação pré-escolar é uma etapa favorável à emergência de novas aprendizagens e que a leitura de histórias é um importante instrumento pedagógico para promover a expressão oral, pretendeu-se com o presente trabalho evidenciar o contributo das histórias em contexto de Jardim de Infância, criando condições favoráveis ao desenvolvimento da linguagem oral.

A escolha deste tema surgiu pelo interesse evidenciado pelas crianças à “hora do conto” e pelas vantagens lúdicas e pedagógicas que a exploração das histórias permite.

Devido à transversalidade da literatura Infantil, através do conto e do reconto das histórias é possível planear atividades em todas as áreas de conteúdo, permitindo ainda desenvolver a imaginação, o gosto pela leitura, a concentração e o espírito crítico.

Com a implementação deste projeto promoveu-se o desenvolvimento da linguagem oral, enriquecimento do vocabulário e estimulação do diálogo, promovendo ainda o desenvolvimento e a aprendizagem em outras áreas de conteúdo.

Adotou-se uma metodologia de investigação sobre a própria prática, tendo o observador um papel participante na ação desenvolvida.

Através da análise dos resultados obtidos verificou-se que o conto e o reconto das histórias são estratégias enaltecadoras da oralidade.

**Palavras – chave:** Educação Pré-escolar, Conto e reconto, Linguagem oral.

### Abstract.

Pre-school education is favourable to the emergence of a new learning phase, and storytelling is an important educational tool for promoting oral expression. Thus, it is intended with this work to highlight the contribution of the stories in the context of kindergarten, creating adequate conditions for the development of oral language. The choice of this theme emerged from the interest shown by the children concerning "storytelling", and by the recreational and educational advantages that are provided by the exploration of the stories.

Across the literature for children and the retelling of the stories, activities can be planned in all content areas, while still developing imagination, love of reading, concentration and critical spirit. The implementation of this project promoted the following: development of oral language, vocabulary enrichment, stimulation of dialogue, and even the development and learning in other content areas.

A methodology of research was adopted concerning the trainee's practice, while having the observer role in the developed action.

Through the analysis of the results, it was shown that the telling and retelling of the stories are uplifting strategies of morality.

In the end, it was found that children develop the ability to focus beyond the striking developments in understanding the vocabulary arising from the exploitation of oral histories.

Keywords: Education; Preschool-tale, retelling, oral language

# Relatório Final

---

## Índice

Resumo .....	2
1-Introdução .....	9
2 - Caraterização do contexto institucional.....	11
2.1 Espaço físico .....	11
2.2 Sala de atividades .....	11
2.3 Rotinas.....	13
2.4-Avaliação do ambiente educativo - ECERS-R .....	14
2.5 Caracterização do grupo .....	23
3-Enquadramento teórico .....	25
3.1 A promoção da oralidade através da leitura de histórias .....	25
3.2 O conto tradicional .....	28
3.3 Promover a leitura .....	29
4- Apresentação e justificação do plano de ação .....	34
4.1 Metodologia .....	35
4.2 Planificação global/teia/esquema ( em anexo) .....	36
4.3 Recursos .....	36
4.4 Avaliação .....	37
4.5 Participantes do estudo .....	38
4.6 Calendarização/cronograma .....	38
4.7 Questões de ética.....	38
4.5- Implementação do plano de ação .....	39
4.6- Avaliação do Plano de ação .....	71
5-REFLEXÕES FINAIS .....	73
5.1 Implicações do estágio .....	74
6- Referências bibliográficas .....	76
Anexos	
Apêndices	

### Índice Figuras

Figura 1 - ECERS-R, Espaço e equipamentos .....	14
Figura 2- ECERS-R, Rotinas e cuidados pessoais .....	15
Figura 3 - ECERS-R, Linguagem e raciocínio .....	16
Figura 4 - ECERS-R, Atividades.....	18
Figura 5 - ECERS-R, Interação .....	19
Figura 6 - ECERS-R, Estrutura do programa .....	20
Figura 7 - ECERS-R, Pais e pessoal .....	21
Figura 8 – As crianças colocam os personagens sequencialmente.....	45
Figura 9- A crianças contam os personagens .....	45
Figura 10 – Os personagens são colocados por ordem crescente.....	45
Figura 11 – O Baú .....	51
Figura 12 – Reproduzir a transformação do Baú .....	51
Figura 13 – Exemplos da diferença entre os níveis de desenvolvimento .....	51
Figura 14 – Livro concluído pelas crianças .....	51
Figura 15 – As crianças usam os próprios cartões para a marcação do tempo.....	51
Figura 16 – Fantoches .....	60
Figura 17 – Mural coletivo .....	60
Figura 18 – As crianças pintam com um material que desconheciam .....	60
Figura19 – Cartão inutilizado .....	60
Figura 20 – Diferentes níveis de desenvolvimento .....	60
Figura 21 – As crianças reproduzem as ações referidas nos cartões .....	60
Figura 22 – Tabela com os dias da semana .....	70
Figura 23 – As crianças imitam o rastejar da lagarta .....	70
Figura 24 – As crianças imaginam que são um ovo .....	70
Figura 25 – As crianças imitam a borboleta .....	70
Figura 26 – Os elementos do grupo aguardam pacientemente a sua vez .....	70
Figura 27 – Quadro com o ciclo de vida da lagarta .....	70

## Índice Quadros

Quadro 1- Cronograma.....	37
Quadro 2 – Frases referidas pelas crianças antes e depois da leitura do livro .....	55

## Índice de apêndices

Apêndice 1: Cronograma .....	81
Apêndice 2: Esquema de atividades .....	82
Apêndice 1: Planificação da exploração do livro “ A casa da Mosca Fosca”.....	83
Apêndice 2: Planificação da exploração do livro “ O Baú”.....	88
Apêndice 3: Planificação da exploração do livro “ As mãos não são para bater”.....	91
Apêndice 4: Planificação da exploração do livro “ A Lagarta muito Comilona” .....	94





## 1-Introdução

O presente relatório foi elaborado no âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada e está inserido no Mestrado em Educação Pré-escolar.

O estágio realizado na prática de ensino supervisionada tem como finalidade a aquisição de experiência de prática profissional e foi efetuado numa instituição privada, numa sala com crianças de 3 anos, sob a orientação da educadora cooperante.

Durante as sessões de observação do grupo e posteriormente em diálogo com a educadora, fui percebendo que, por se tratar de crianças de 3 anos, muitas das quais estão pela primeira vez em contexto educativo, existem dificuldades ao nível da aquisição do domínio da Linguagem Oral.

Após identificada a problemática, e sendo um dos objetivos fundamentais na educação pré-escolar a aquisição de um maior domínio da linguagem oral, o trabalho desenvolveu-se no sentido de criar condições para que a aprendizagem aconteça.

Assim, no âmbito do planeamento das atividades diárias devem ser criadas várias situações de aprendizagem e essas planificações devem ser elaboradas em função das características evolutivas das crianças, tanto como grupo como de modo individual.

Devido às variações de desenvolvimento entre crianças da mesma faixa etária, usarei como formas de organização o trabalho em pequeno ou em grande grupo, de modo a que as mais desenvolvidas estimulem as que têm dificuldades, uma vez que é na interação com o grupo que se desenvolvem competências e mais facilmente as crianças se apropriam dos termos corretos inerentes às várias áreas.

A temática - aquisição da linguagem oral - desenvolveu-se a partir da leitura de histórias, uma vez que, através das histórias, é possível promover, além do desenvolvimento da linguagem oral, a concentração e o espírito crítico, bem como o gosto pela leitura, atuando ainda na formação do carácter intelectual e social das crianças.

Como cabe ao Jardim de Infância e ao educador criarem condições para promover a expressão e compreensão oral, surge a questão-problema: *“Será o reconto, a partir de histórias, uma estratégia facilitadora do desenvolvimento da oralidade?”*

No decorrer da planificação das atividades, e apesar de mais direcionadas para a linguagem oral e abordagem à escrita, irão ser também abordadas outras áreas de conteúdo: a Matemática, o Conhecimento do Mundo, Linguagem Oral e abordagem à Escrita e área das Expressões.

As atividades que foram elaboradas promoveram o clima de comunicação entre adulto/criança/crianças; o alargamento do vocabulário; um maior domínio da expressão e comunicação; incentivar as tentativas de escrita; planejar oralmente o que se pretende fazer e contar o que se realizou; o gosto e o interesse pelos livros.

Este relatório, está organizado em 5 capítulos. Tem início com uma introdução, seguida pela descrição do contexto educativo, onde se inclui uma avaliação do mesmo, através da aplicação da ECERS-R.

Segue-se o enquadramento teórico, onde serão apresentadas as perspetivas de vários autores que sustentam a temática escolhida.

No capítulo quatro será feita a descrição da Metodologia e do Plano de Ação, bem como a Aplicação e Avaliação do Plano de Ação, surgindo por ultimo as reflexões finais, onde estão incluídas as considerações sobre a pertinência do estágio.

## 2 - Caracterização do contexto institucional

### 2.1 Espaço físico

O contexto educativo onde decorreu o meu estágio é um estabelecimento particular que integra as valências de Creche e Jardim de Infância. Localiza-se numa zona urbana, mais concretamente num bairro de construção recente, habitado por muitos casais jovens.

Devido a estar localizado perto de uma estação do Metro e ser de fácil acesso a autoestradas e vias rápidas, é uma zona muito movimentada. Está rodeado de várias lojas comerciais e outras instituições de carácter particular, existindo ainda nas imediações uma escola da rede pública e os Bombeiros. Há ainda um parque de estacionamento e espaços verdes.

Na Creche e Jardim Infantil existem três salas de creche e duas do pré-escolar. O acesso aos dois espaços é feito pela mesma entrada. Além das salas, existem ainda a receção, o refeitório/sala polivalente, cozinha, ginásio, escritório, sala das funcionárias/reuniões, 3 WC incluindo o das funcionárias, estando este último de acordo com as normas exigidas para os indivíduos portadores de deficiência.

A zona destinada ao pré-escolar é composta por duas salas e duas casas de banho, sendo o ginásio e o refeitório comuns aos dois espaços.

Dispõe ainda de um espaço exterior com vários equipamentos lúdicos, equipado com chão de borracha.

O espaço educativo encontra-se em bom estado de conservação e é esteticamente agradável, existindo um bom ambiente entre pessoal docente, não docente e pais.

### 2.2 Sala de atividades

A sala de atividades onde decorreu o meu estágio possui boa luminosidade natural mas também boa luz artificial. Está equipada com ar condicionado, o que permite que a temperatura seja amena tanto no verão como no inverno.

A sala possui mesas e cadeiras com diversas formas, retangular e em meia-lua.

O centro da sala é ocupado pela mesa grande, formada pelas várias mesas que se juntam ou separam, de acordo com os grupos e as atividades pretendidas.

As diversas áreas estão dispostas à volta da sala e são:

**Área da casinha:** com mobiliário adequado ao espaço e às crianças. Aqui se desenvolvem várias brincadeiras que promovem aprendizagens, tais como imitação das vivências das crianças, discussão e negociação para a obtenção de determinados papéis sociais e familiares, vestir/ despir; apertar /desapertar; descalçar/ calçar. Neste espaço é também possível a aprendizagem de uma regra muito importante, que é o “arrumar”.

**A zona da garagem:** carros, além da própria garagem com rampa.

**Zona do tapete:** é o espaço mais valorizado, dispondo para isso de uma maior área. É nesta zona que se faz o acolhimento em conselho, onde a educadora lê e conta histórias.

É também aqui que se marcam as presenças e o tempo. Existe ainda uma estante com livros de fácil acesso. É uma zona de relaxamento, onde cada um tem a sua própria almofada e que convida à leitura, observação de livros e álbuns de imagens.

Esta área é usada para expor os conteúdos muitas vezes surgidos a partir de uma história lida, de um objeto trazido pela criança, ou mesmo de uma dúvida que um deles tenha.

**Zona de jogos:** com jogos de construção.

**Casa de bonecas:** *barbies*, mobílias e vestuário. Esta é uma área de grande importância, pois estimula a motricidade fina ao terem que vestir e despir bonecas mais pequenas.

Os móveis são adequados à arrumação dos vários materiais aí existentes. De acordo com a sua função, assim são de maior ou menor facilidade de acesso pelas crianças.

Os cabides individuais e devidamente identificados estão no exterior da sala, sendo usados para a colocação de casacos e a mochila de cada um.

**Zona de bancada com lavatório:** Com altura adequada para que as crianças desta faixa etária a possam utilizar, permite que a lavagem das mãos depois das atividades seja rápida. Serve ainda para a lavagem dos materiais utilizados. É nesta bancada que estão as garrafas utilizadas pelas crianças para beber água, devidamente identificadas.

A sala está decorada com alguns trabalhos das crianças. No entanto, é a parede exterior que é usada para expor tudo o que é realizado em sala, por forma a ser de fácil visualização pelos pais quando entram.

A sala está organizada de modo funcional e estético, de modo a promover e facilitar as atividades livres e autónomas por parte das crianças, tanto em grupo como individualmente.

A preocupação da educadora na organização do espaço foi, segundo a própria, no sentido de que as crianças consigam desenvolver as suas competências de forma qualitativa.

### **2.3 Rotinas**

O quotidiano deste grupo é gerido por um horário previamente estabelecido de rotinas e atividades, umas diárias e outras semanais. As atividades são planeadas e organizadas pela educadora, tendo em conta o projeto anual da instituição. As outras atividades são da responsabilidade pedagógica dos respetivos professores, sendo no entanto planeados com a educadora. O almoço, o lanche e o momento de deitar as crianças para a sesta são também da responsabilidade da educadora.

#### **Horário**

7.30- Acolhimento na Instituição

9:00- Reforço da manhã

9:30- Acolhimento em conselho

9:45-Atividades dirigidas/atividades extracurriculares

11:-Arrumação da sala

11:15- Higiene

11:30-Almoço

12:15-Higiene

12:30-Brincadeiras livres/leitura de história

13:00- Sesta

15:00-Lanche

15:30-Higiene

15:45-Atividades livres

18:00-Reforço do lanche

### Atividades semanais

Música- 6ª feira

Ginástica- 3ª feira

### Atividades extracurriculares

Ballet: 6ª-feira

Natação: 4ª feira

Judo: 2ª feira

Inglês: 4ª feira

## 2.4-Avaliação do ambiente educativo - ECERS-R

*A Early Childhood Environment Rating Scale – Revised*, de Harms, Clifford e Cryer (1998) (ECERS-R), é um instrumento concebido para avaliar a qualidade do ambiente educativo. É utilizada em contextos educativos frequentados por crianças com idades compreendidas entre os 2 anos e meio e os 5 anos. A referida escala pode ser utilizada tanto por diretores de programas com o objetivo de supervisão e melhoria, como por pessoal com funções educativas cujo objetivo seja a autoavaliação, podendo ainda ser utilizada na formação de educadores de infância. A fidelidade e a validade demonstradas com a escala tornam-na especialmente útil para investigação e avaliação de programa.

### I-Espaço e Equipamentos

Através da Figura 1 pode-se verificar que, apesar de a avaliação geral ser de *muito bom e excelente*, no ponto que diz respeito ao “*espaço para jogos de motricidade global*”, a avaliação é de *Bom*, uma vez que no espaço exterior não existe uma variedade de superfícies que permitam diferentes tipos de jogo, como por exemplo, uma zona com areia.

“O *Espaço Interior* “ tem a cotação de 7, pois dispõe de um espaço amplo que permite que as crianças e os adultos se movimentem livremente, a luz natural é facilmente controlada pela existência de estores e tem uma excelente ventilação.

Relativamente ao item “*cuidados de rotina*”, apesar da existência de mobiliário apropriado para cuidados de rotina ser de qualidade, em número suficiente e pronto a ser usado, foi atribuída a cotação de 6 devido à inexistência de banco de areia/água e cavaletes.

Os itens 3, 4, 5 obtiveram a pontuação máxima por se verificar que existem equipamentos confortáveis e macios à disposição das crianças, na organização da sala existem mais de cinco centros de interesse que proporcionam variadas aprendizagens os quais se encontram organizados para permitir a utilização autónoma das crianças. Verificou-se ainda, a existência de materiais que permitem a alteração dos centros, se necessário. A sala dispõe de espaços que possibilitam que as crianças desenvolvam tarefas num espaço resguardado.

O item “*materiais expostos relacionados com a criança*” teve a cotação de 6 por, apesar de muitos dos objetos expostos se relacionarem com as atividades a decorrer e existirem trabalhos em 3 dimensões criados pelas crianças, nem sempre predomina o trabalho individualizado elaborado pelas crianças.

O espaço para “*jogo e motricidade global*” situa-se no exterior mas, também existe um espaço interior de menores dimensões. Está organizado de modo a que as diferentes atividades não interfiram entre si, sendo este espaço de fácil acesso pelo grupo.

No item “*equipamento para motricidade global*” verifica-se a existência de equipamento fixo e portátil pronto a ser usado, bem como, uma grande variedade de equipamento para motricidade global.

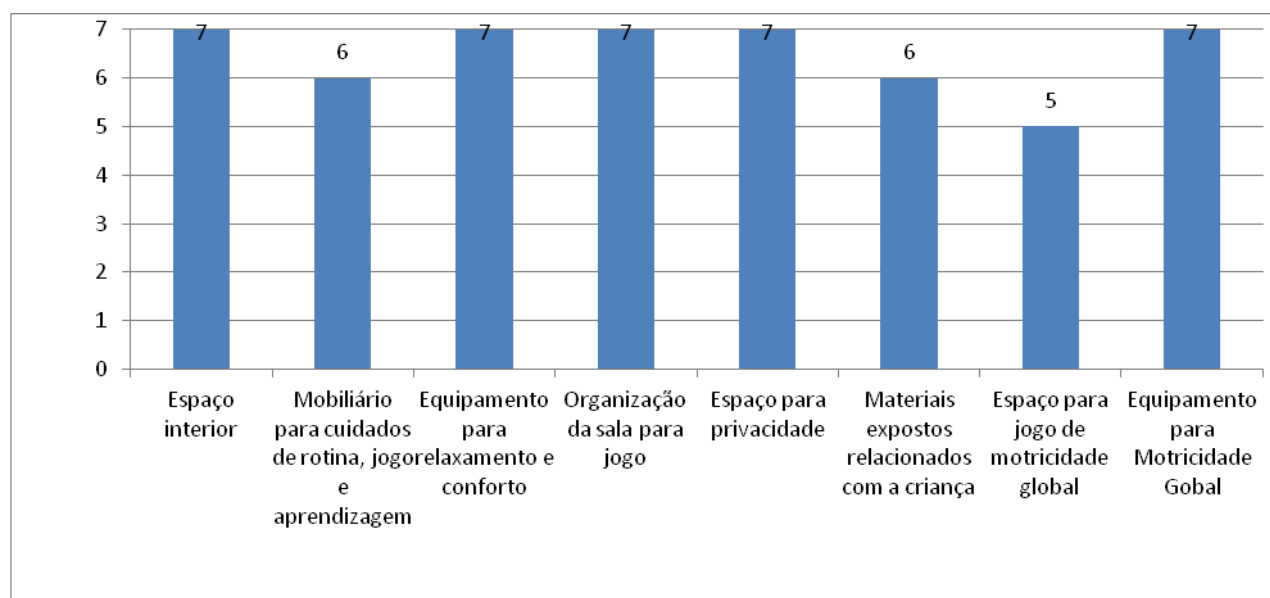


Figura 1- Espaço e equipamentos

### II- Rotinas e Cuidados pessoais

Na Figura 2 é possível verificar que as rotinas estão bem definidas, tendo o ponto referido como “*refeições/ pequenas refeições*” tido apenas a avaliação de Bom, devido a estas crianças não estarem ainda envolvidas na atividade de pôr a mesa ou servirem-se a si próprias. Todas as crianças dormem a sesta, sendo-lhes proporcionado um ambiente relaxante através de música ou histórias. Não teve a pontuação máxima devido a não ter verificado que haja flexibilidade no horário da mesma. No entanto, na eventualidade de alguma não dormir, pode sempre ficar na sala dos 4 anos. Isto raramente acontece, devido à idade precoce deste grupo.

Quanto ao item “*utilização da sanita/mudança de fraldas*” teve a cotação máxima uma vez que as sanitas e lavatórios são adequados ao tamanho das crianças e os skills de independência são providos quando as crianças estão prontas para isso.

Em práticas de saúde as crianças são motivadas a adotar práticas de saúde de modo independente e possuem escovas de dentes devidamente identificadas e protegidas, que usam uma vez por dia e sempre com supervisão.

No item “*práticas de segurança*” verifica-se que as áreas de jogo estão definidas de modo a que as mais novas brinquem em momentos separados e que o equipamento de exterior tem tamanho e níveis de desafio apropriados.

Existe sempre supervisão, de modo a evitar que não haja um grande número de crianças em simultâneo num dado equipamento.

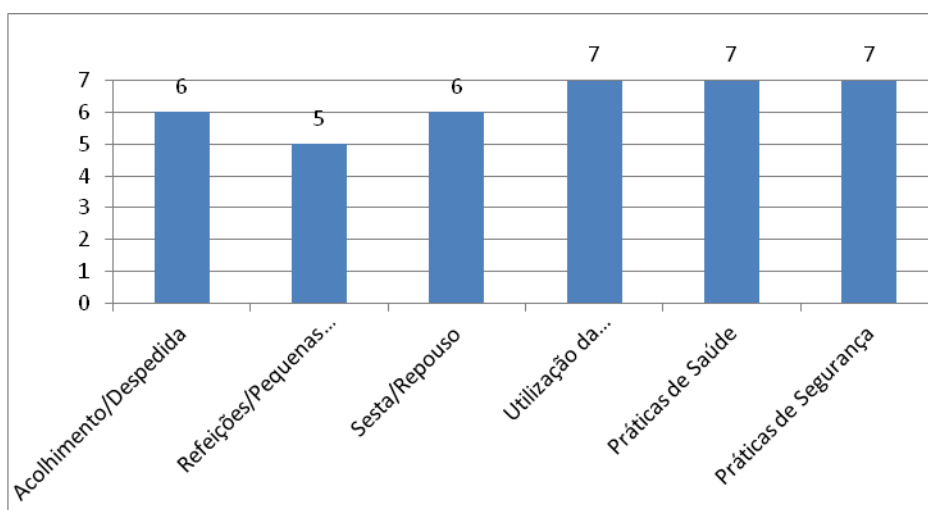


Figura 2 – Rotinas e Cuidados Pessoais



### III- Linguagem e Raciocínio

Neste item e através da Figura 3 pode-se concluir que no que concerne à “*Linguagem/ Raciocínio*”, todos os itens têm a cotação máxima.

A educadora através de diálogos e atividades adequa a conversa à idade e capacidades do grupo, relacionando à comunicação falada, a emergência da escrita.

As crianças têm uma grande quantidade de livros à disposição e a educadora através das vivências diárias vai interagindo com o grupo, por forma a encorajá-los a comunicar, introduzindo conceitos e estimulando o raciocínio.

Os adultos através de conversas informais ao longo do dia, utilizam os acontecimentos e experiências de cada um para promover o desenvolvimento de conceitos. Estes conceitos são introduzidos normalmente em resposta às necessidades da criança ou quando é necessário ultrapassar algum problema.

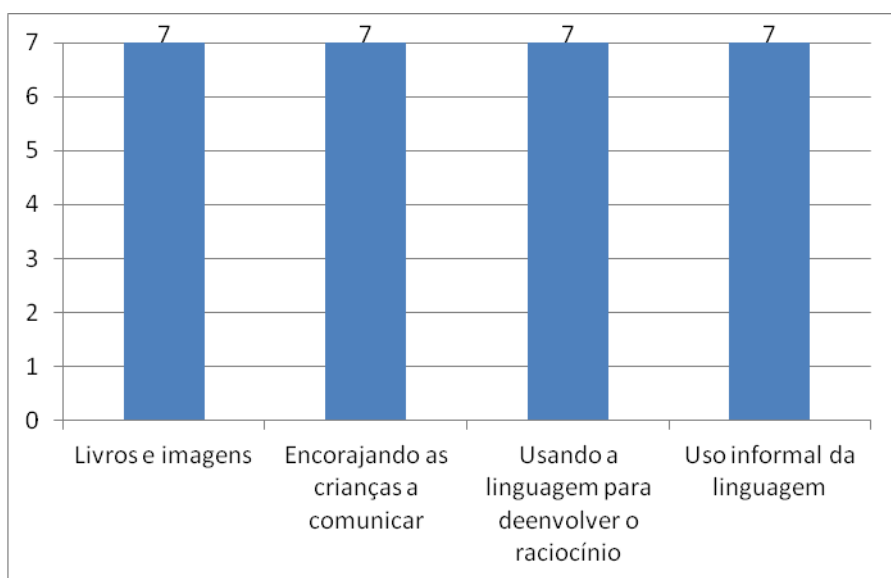


Figura 3- Linguagem/ Raciocínio

### IV- Atividades

O item “ motricidade fina” obteve a cotação de 7 pois verificou-se a existência de materiais que, além de estarem acessíveis, são de diferentes níveis de dificuldade e usados rotativamente para manter o interesse das crianças.

A “*arte*” foi atribuída a cotação de 5 por se verificar a existência de variados materiais de arte, acessíveis durante uma parte do dia sendo desenvolvidas atividades diárias em que as crianças realizam tarefas nas quais se expressam livremente através da arte.

No item “*Musica / movimento*” verifica-se que, diariamente, cantam uma canção ou ouvem música e existem alguns materiais acessíveis. Os adultos usam vários tipos de música e cantam canções simples em inglês. Semanalmente são realizadas atividades específicas que promovem a compreensão musical, estimulando a criatividade.

No item “*Blocos*”, a cotação de 7 deve-se à existência de vários tipos de blocos e acessórios que estão acessíveis e permitem o seu uso diariamente. Estes materiais estão devidamente arrumados, etiquetados, em prateleiras abertas e ao alcance das crianças, sendo possível usa-los no exterior.

No item areia/água a baixa cotação prende-se com o fato de apesar de, apesar de existirem algumas possibilidades de jogos de areia e água, não se verifica a utilização destas matérias, no entanto, há uma grande variedade de brinquedos que poderiam ser utilizados com esse fim.

A cotação de 5 no item “*jogo dramático*” é obtida por se verificar a acessibilidade durante grande parte do dia a muitos materiais que permitem o jogo dramático. Existem ainda expostos cenários propícios à exploração de temas, estando este espaço claramente definido e de modo a que os materiais possam ser arrumados de forma organizada.

Realizam-se atividades para a exploração da “*natureza /ciências*” uma vez por semana existindo ainda livros imagens e material áudio e visual em variedade que permitem alargar as experiências concretas das crianças.

No item “*matemática/ número*”, a cotação de 7 foi atribuída por se verificarem diversas atividades que requerem um maior envolvimento do adulto na exploração e aprendizagem da matemática. Os materiais existentes são mudados regularmente para evitar que as crianças se desmotivem.

É habitual o uso da TV, vídeo e computador como apoio a atividades desenvolvidas na sala e, a partir deles, é-lhes permitido cantar, dançar ou interagir com o vídeo.

O item “*promovendo a aceitação da diversidade*” obteve a cotação de 7 pois, apesar de não existirem no grupo crianças de outras nacionalidades ou etnias, diariamente são desenvolvidas atividades que promovem a inclusão da diversidade através da visualização de uma imagem ou de um filme onde se aborda o tema, promovendo deste modo a compreensão e aceitação da diversidade.

É possível verificar as cotações na Figura 4.

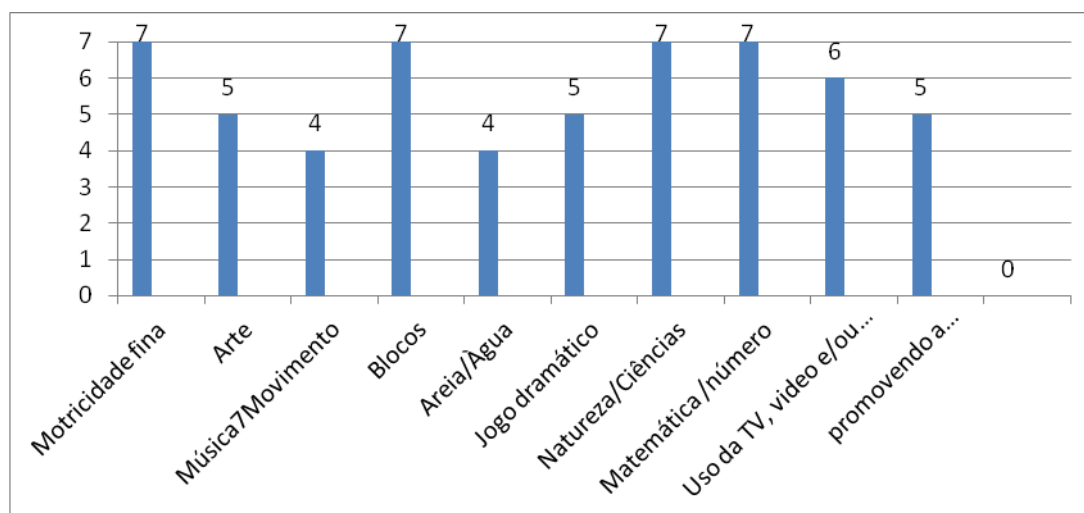


Figura 4- Atividades

### V- Interação

O item que se refere à “*supervisão de atividades de motricidade global*” obteve a cotação máxima por se ter verificado que os adultos conversam com as crianças estimulando-as a desenvolver ideias relacionadas com o jogo, introduzindo elementos mais complexos, auxiliando as crianças sempre que necessário e ajudando-as ainda a desenvolver interações sociais positivas. Em “*disciplina*” verificou-se que os adultos promovem o envolvimento das crianças na resolução dos conflitos, promovendo atividades que visam o desenvolvimento e compreensão de competências sociais e procurando ajuda de profissionais, sempre que algum tipo de comportamento assim o exija.

Em “*interação entre o pessoal e as crianças*” verifica-se que os adultos demonstram afeto e agrado pela presença das crianças, estimulando o desenvolvimento de respeito mútuo entre adultos e crianças e promovendo a interiorização de regras como, saber escutar quando o adulto fala.

Devido às especificidades da faixa etária em questão, a “*interação entre crianças*” não está ao mesmo nível. Nesta idade as crianças têm dificuldade em partilhar e ouvir os outros o que origina por vezes alguns conflitos que no entanto, são rapidamente controlados devido à supervisão geral das crianças pelos adultos, ser cuidadosa e atenta. De modo a promover a interação entre as crianças, são regularmente providenciadas oportunidades de trabalho em pequeno e em grande grupo.

As cotações estão visíveis na Figura 5.

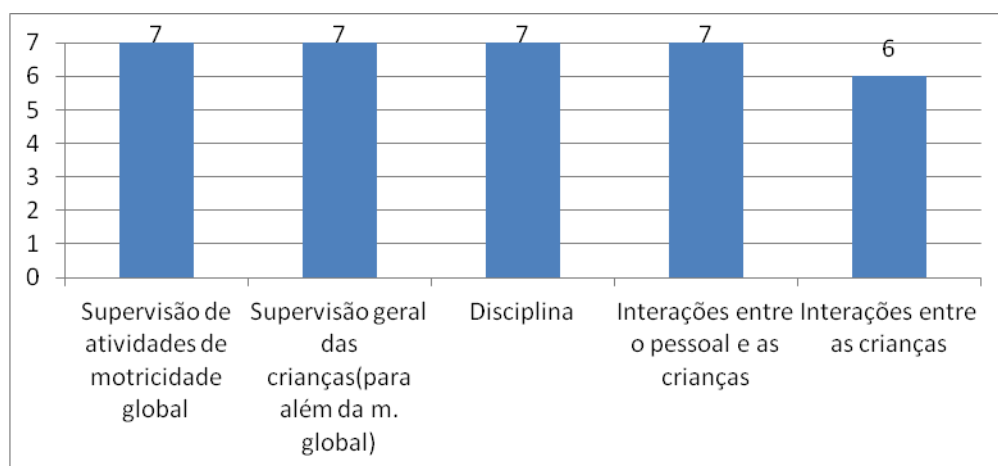


Figura 5- Interação

## VI- Estrutura do Programa

O “horário” é flexível de modo a dar resposta ao que se pretende diariamente para que não existam tempos de espera entre as rotinas do dia e as transições entre os acontecimentos diários ocorrem de um modo suave. No sentido de respeitar as necessidades deste grupo são sempre que necessário introduzidas variações na programação, como por exemplo dar mais tempo a uma criança que precisa de acabar uma tarefa ou que demora mais tempo a comer.

Em relação ao “jogo livre”, são regularmente introduzidos novos materiais que visam a diversificação do jogo da criança e os adultos encorajam as crianças a dialogar sobre as atividades desenvolvidas. Os conceitos respeitantes à atividade são introduzidos naturalmente. O ritmo do dia é ditado pelas diferentes estruturas ao longo do dia e a educadora envolve-se em interações individuais, em pequeno e em grande grupo,

O trabalho de “tempo grupo” é largamente implementado ao longo do dia pela educadora, no entanto é dada às crianças a oportunidade de escolherem o seu próprio grupo.

Verificam-se as cotações na Figura 6.

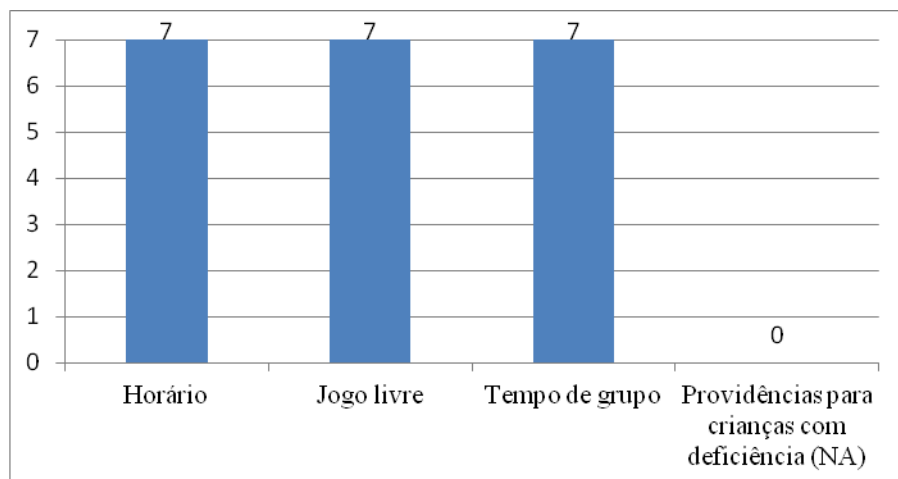


Figura 6- Estrutura do Programa

### VII- Pais e Pessoal

Todos os itens desta subescala foram cotados com o nível 7 (Figura 7), uma vez que os pais são chamados a participar na avaliação anual do programa da instituição através de uma reunião geral. Além de comunicação informal frequente, realizam-se com regularidade reuniões e encontros planeados para promover a participação dos pais.

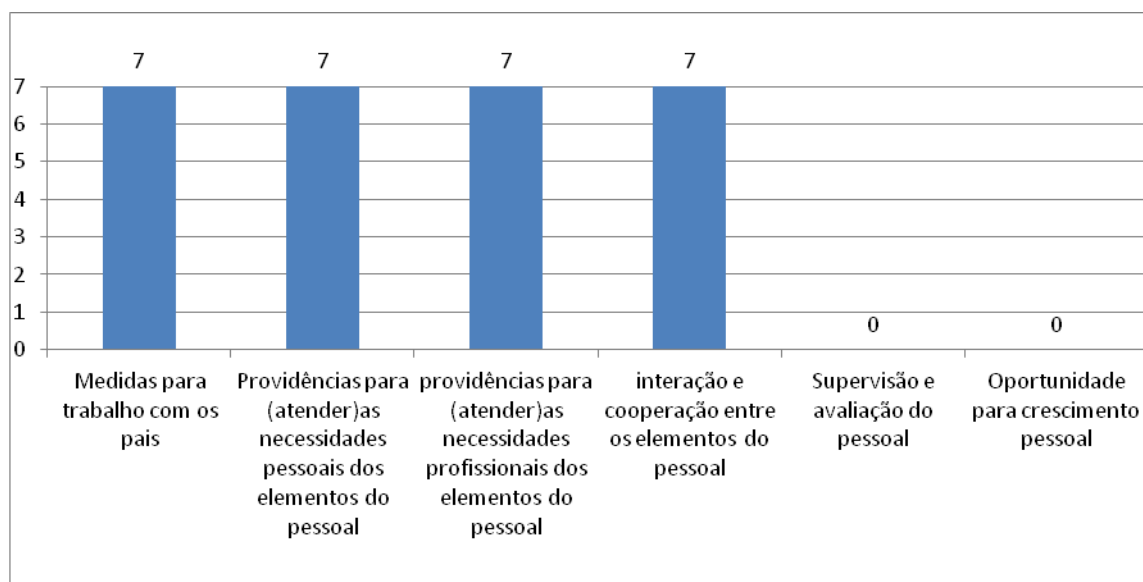
Durante o ano, quando considerem pertinente é sugerido aos pais o aconselhamento com outros profissionais especializados.

Para atender as necessidades pessoais dos elementos do Pessoal, existe uma sala de estar com mobiliário confortável que se destina exclusivamente ao uso do Pessoal, existindo alguma flexibilidade relativamente aos momentos em que é utilizada.

O gabinete da direção está bem equipado e existe um espaço que se destina a reuniões e que se situa fora da área ocupada pelas crianças.

Os profissionais reúnem mensalmente, planificando em conjunto o programa tendo cada elemento bem definidas as suas responsabilidades. Ao longo do ano são organizados eventos sociais que promovem a interação positiva entre o pessoal.

Não existiu informação sobre os itens, “*Supervisão e avaliação do pessoal*” e “*Oportunidades para crescimento pessoal*”.



*Figura 7 - Pais e Pessoal*

A Linguagem oral, para as crianças em idade pré-escolar é fundamental para as suas aprendizagens e possui um carácter transversal. Na avaliação da qualidade do ambiente educativo e de acordo com o objetivo deste relatório, é a subescala “*Linguagem- Raciocínio*” que remete para o objetivo deste relatório pois refere que “ a forma como os materiais, as atividades e as interações criança-criança ou criança educadora são utilizadas na promoção das competências de comunicação e na aprendizagem das relações básicas” (ME, 1998, p.87).

Analizando os quatro itens da subescala Linguagem e Raciocínio, verifica-se que todos os itens têm a cotação máxima o que, permite concluir que o ambiente observado, possui boas condições e que provavelmente, as dificuldades existentes ao nível da linguagem em algumas das crianças do grupo, sejam uma consequência do ritmo de aprendizagem e do nível de desenvolvimento em que cada uma se encontra.

### 2.5 Caracterização do grupo

A sala de 3 anos é constituída por um grupo heterogéneo de 19 crianças. A diferença de idade entre a mais nova e a mais velha é de 8 meses, refletindo-se esta diferença tanto a nível cognitivo como comportamental.

No grupo há 8 rapazes e 11 raparigas. Destas crianças, 7 nunca estiveram em contexto educativo, 11 transitaram da creche e uma veio de outra instituição.

As crianças que estão na instituição pela primeira vez tiveram uma adaptação progressiva, estando no momento bem integradas.

As maiores dificuldades enquanto grupo estão relacionadas com a diferença de idades, que se reflete tanto a nível cognitivo como comportamental, o que torna mais difícil a concretização das atividades de acordo com a faixa etária e o desenvolvimento de cada criança.

No grupo existem alguns conflitos que são originados pelo egocentrismo próprio da idade, pois nesta faixa etária ainda não conseguem distinguir as vontades próprias das dos outros, o que implica dificuldade em respeitar o “outro”.

Contudo, são crianças meigas e que já revelam alguma capacidade de estabelecer relações com os colegas e, apesar de não ser observável no grupo todo, algumas já são capazes de resolver os próprios conflitos.

Revelam grande interesse nas atividades propostas, estando sempre recetivas a novas ideias, demonstrando interesse e gosto por aprender.

Neste grupo, uma das crianças ainda utiliza fralda e seis usam-na para dormir a sesta.

Na sua maioria, estes meninos e meninas pertencem a um meio socioeconómico de classe média e média alta, sendo os pais quase todos licenciados.

Segundo a educadora, são interessados e recetivos e colaboram sempre que solicitados.

Nesta instituição existe um bom relacionamento entre pais, educadora e auxiliar.

O tempo de permanência diário destas crianças no Jardim de Infância é de 7 a 8 horas.

## 3-Enquadramento teórico

### 3.1 A promoção da oralidade através da leitura de histórias

Contar histórias às crianças é essencial ao seu desenvolvimento, tendo assim a literatura infantil, a família e os educadores um papel muito importante, uma vez que permitem e veiculam o contato com a leitura.

Desde cedo, a criança constrói, através do material impresso que a rodeia, uma relação entre as competências de literacia emergente e o processo de aprendizagem, tanto de leitura como de escrita enquanto, paralelamente, vai construindo a sua própria personalidade.

Através das histórias, a criança imagina e visualiza a sua conceção do mundo. É também através das histórias que as crianças interiorizam valores morais, bem como ultrapassam problemas que são característicos da infância, tais como: o medo, o ciúme e a dor, entre outros.

Na infância, todos os acontecimentos são os alicerces na construção das emoções, dos laços afetivos. Ao contactarem desde cedo com os livros e as suas histórias, têm a possibilidade de, através deles, vivenciarem e descobrirem o mundo e tudo o que nos rodeia. É através das narrativas e das emoções que provocam em quem as ouve ou lê que é possível adotar uma postura reflexiva, tendo uma ação relevante na formação cognitiva das crianças.

Por tudo isto, é importante que as histórias sejam contadas de uma forma correta, sendo para isso necessário recorrer a regras específicas para o efeito:

- Saber o que contar (história escolhida);
- Como contar (técnicas e recursos);
- Para quem?
- Saber o que contar (história escolhida);

É importante conhecer a história antecipadamente, lê-la várias vezes para quando for contada se estar bem familiarizado modo a não se perder.

- Como contar (técnicas e recursos);



- ◆ Envolver-se na história de tal modo se consiga cativar os ouvintes: para isso é necessário chamar a si os sentimentos dos personagens de modo a que, quando a história for lida, consiga transmitir aos outros a emoção do que lê.
- ◆ Falar com naturalidade e destacar, recorrendo a gestos expressivos e variações de voz, os tópicos que o exijam;
- ◆ Respeitar as pausas;
- ◆ Dar oportunidade para que as crianças possam participar na história;
- ◆ Dar resposta aos comentários e perguntas das crianças.

- Para quem

Deve ser o ponto de partida para o contador de histórias, sendo fundamental conhecer as características dos ouvintes de modo a que a história que se escolher seja no sentido de estimular a imaginação, a curiosidade, o querer conhecer mais.

A partir das histórias a criança experimenta várias emoções, abrindo a possibilidade de cada criança poder ser um leitor, um escritor, um artista...

Segundo Abramovich (1990) *ouvir histórias pode estimular o desenhar, o “musicar”, o sair, o ficar, o pensar, o dramatizar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo. Afinal, tudo pode nascer dum texto!*”

Segundo Coelho (2002), o enredo da história infantil tem três momentos importantes:

- A introdução: momento em que se apresentam as características das personagens e se estabelece um primeiro contacto entre o narrador, a história e os ouvintes, quando e onde ocorre a narração. Este momento é fundamental para a compreensão da narrativa.
- Clímax: descreve os vários momentos importantes, chamando a atenção dos ouvintes para a ação que decorre e evidenciando os pontos fortes.
- Desfecho: altura em que os personagens resolvem os conflitos ou superam os perigos, concluindo com ...”e viveram felizes para sempre”.

Traça (1992) afirma que a técnica é o principal fator no ato de contar histórias e que todos podem aprender essa técnica.

Já Rigolet (1992) refere que existem três fases importantes no ato de se contar uma história e que são: a preparação, a narração e o pós- contar.

Segundo esta autora, de uma preparação cuidada depende o sucesso de se contar uma história. Esta inclui munir-se de um repertório variado de contos e a partir daí escolher o mais apropriado ao grupo-alvo do momento. Na fase de preparação deve ainda definir-se o espaço e o tempo, sempre em função do grupo a que se destina.

No entanto, Traça (1992) afirma que não é necessário saber a história de cor mas que o conhecimento do enredo, da lógica da história e da sua estrutura permite que se não quebre o fio da narrativa, pois evita que haja hesitações, repetições involuntárias ou ainda, andar para trás e para a frente.

Rigolet (2009) refere que no momento da leitura se deve dar atenção às reações não-verbais das crianças, de modo a perceber o envolvimento que manifestam enquanto se conta a história.

Ainda segundo a mesma autora, na fase do pós contar, deve-se poupar à criança interrogatórios sob o pretexto de explorara a história, permitindo-lhe a liberdade de regressar à realidade, respeitando aqui, o tempo de emergência de cada uma.

Para Traça (1992) deve existir um momento que sirva de conclusão da história que além de servir para serenar as crianças, pode ainda ser usado como ponto de partida para novas histórias.

Esta autora refere, ainda, a importância dos prolongamentos pedagógicos para o desenvolvimento da compreensão e expressão oral. Como exemplos, refere que se podem desenvolver atividades fixando as sequências da narração, que se pode dialogar sobre os personagens e a ação.

A literatura é muito importante para o desenvolvimento da criatividade infantil. Quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara os sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias trabalham problemas típicos da infância como medos, sentimentos de inveja, de carinho, curiosidade, dor, perda, entre outros.

Para Traça (1992), contar histórias e promover o contacto das crianças com os livros, desenvolve o imaginário, educa a sensibilidade, o conhecimento do mundo e o sentido crítico. Ainda de acordo com o referido pela mesma autora, os contos suscitam na criança o desejo de construir as suas próprias narrativas, o que promove a expressão oral.

Desde sempre que o homem usa as histórias como um meio de transmitir as suas experiências como forma de passar conhecimentos às gerações seguintes.

Para as crianças, ouvir contar histórias faz parte da infância. É através delas que a criança consegue entender o mundo.

Ainda de acordo com o referido pela mesma autora, ao construírem as suas próprias narrativas, as crianças inventam respostas para as questões do mundo, despertando-as para o conhecimento do mundo que as rodeia.

Atualmente, as crianças passam mais tempo nas instituições de educação pré-escolar do que com os pais ou avós. Assim, é aos educadores que compete a tarefa que outrora era quase exclusivamente dos familiares.

Assim, é de extrema importância que os profissionais ligados à educação conheçam todos os aspetos ligados à história e cultura dos contos populares, bem como da arte de contar histórias.

### **3.2 O conto tradicional**

Considera-se conto tradicional, um relato oral de factos ou acontecimentos, aos quais o povo atribui um fundo de verdade.

É contado de boca em boca, passando de pais para filhos, de avós para netos, transmitindo o saber, as experiências e as vivências, ao mesmo tempo que aguça a curiosidade, despertando o desejo de saber se “terá acontecido mesmo?”

É também fruto da imaginação de homens e mulheres do passado que gostavam de contar histórias, tanto pela preocupação de transmitir uma herança antiga, como apenas pelo simples prazer de entreter.

O conto, sendo de origem anónima, faz parte da tradição oral refletindo os sentimentos da alma de um povo, bem como os seus hábitos, usos e costumes.

A sua linguagem é objetiva, não se detendo em pormenores secundários de modo a ser de imediata compreensão para o leitor.

A transmissão oral, de geração em geração, é a explicação para o facto de existirem versões diferentes do mesmo conto, mantendo-se, no entanto, inalterável no seu essencial.

### **Estrutura do conto tradicional:**

- Normalmente começa por “era uma vez”
- Contém algo que é real, a par de factos que são fruto da imaginação.
- De curta extensão
- Com poucas personagens, sendo reduzidos ao máximo a ação, o tempo e o espaço.
- Situa-se num espaço indeterminado e num tempo indefinido.
- Tem sempre uma moralidade intrínseca, a qual se explica num contexto didático em que se pretende que o exemplo das personagens previna acontecimentos futuros, ou aplaque medos de vária natureza.

### **3.3 Promover a leitura**

Ler é uma atividade muito complexa que envolve, além de conhecimentos fonéticos, lexicais e semânticos, conhecimentos culturais e ideológicos.

Apesar de ser um processo de assimilação de conhecimento, de reflexão e de interiorização, pode e deve ser, também, um processo de descoberta, no qual se podem e devem utilizar atividades lúdicas.

O contato com os livros deverá existir muito antes de se aprender a ler, para na altura adequada se estar mais preparado para a assimilação do conhecimento. O simples ato de folhear um livro e ver as imagens terá, segundo vários autores, um papel importante no desenvolvimento da imaginação, da criatividade e mesmo da inteligência da criança.

De acordo com (Mata, 2008, p.25), através dos livros o educador pode adotar comportamentos e atitudes pedagógicas que promovam o contato com a leitura e a escrita e “situações significativas e contextualizadas do uso da leitura e da escrita”.

Apesar de se considerar que o principal objetivo da Literatura Infantil é permitir o prazer de ler, Aguiar & Silva (1981) refere que, no entanto, esta é um “laboratório linguístico” que promove o alargamento do vocabulário e a compreensão e construção de frases cada vez mais complexas descobrindo, deste modo, os sentidos ocultos nas expressões menos usuais, desenvolvendo a competência de leitor.

O processo da iniciação à leitura depende das experiências de vida e dos conhecimentos adquiridos anteriormente. A criança aprende a ler quando é capaz de relacionar o que lê com o seu conhecimento do mundo, com a sua própria “bagagem”. Sendo assim, um determinado texto terá uma leitura (interpretação) diferente, dependendo de quem o lê.

Segundo Inês Sim – Sim, a linguagem oral é adquirida naturalmente pela interação com o que nos rodeia, enquanto a capacidade de ler e escrever tem de ser ensinada e trabalhada, cabendo esse papel ao professor/educador e à escola. Sendo o principal objetivo da leitura ser-se capaz de extrair informação de qualquer tipo de texto e transformá-lo em conhecimento.

Moreno (2009) admite existir uma predisposição genética para esta competência devendo, no entanto, ser trabalhada desde cedo, pois é o contato prematuro com os livros e com o “ouvir contar histórias” que vai permitir que esse mesmo contato seja benéfico para a leitura.

Apesar de complexo, o processo de aprendizagem da leitura é, no entanto, crucial, para a construção da identidade da criança.

É através da leitura que a criança terá acesso à informação e ao conhecimento, sendo a escola o primeiro passo dado nesse sentido, bem como o elo principal de ligação do Indivíduo com a sociedade.

Só com hábitos de leitura consistentes se pode obter sucesso escolar, sendo para isso absolutamente primordial a sua implementação desde os primeiros anos de escolaridade.

Assim, deve-se começar a introduzir a aprendizagem da leitura logo no ensino pré-escolar. O grande desafio é motivar todas as crianças, recorrendo a estratégias para incentivá-las neste processo, uma vez que nem todas as crianças demonstram o mesmo nível de interesse.

Traça (1992) refere algumas estratégias tais como: dramatizar o conto, mimar os personagens, construir murais com desenhos representativos das fases da história ou ainda construir acessórios.

Segundo Inês Sim – Sim, ensinar a ler é um desafio deveras estimulante, mas ensinar a ensinar a ler é ainda muito mais, na medida em que se tem consciência de se estar a contribuir para o despertar do conhecimento da criança.

Sendo a nossa sociedade uma sociedade baseada na informação, quando alguém não consegue compreender e utilizar a informação escrita está perante uma situação de ausência de competência literária. É para combater esta situação que é absolutamente necessário investir no ensino da leitura e para isso investir, antes de mais, na formação eficiente de professores nesta área.

Para se ensinar a ler eficientemente, é necessário possuir um bom domínio da língua que se ensina a ler, bem como uma boa compreensão e formação teórica dos mecanismos da compreensão e

expressão oral e, ainda, dos processos e estratégias pedagógicas que estão na base do ensino da leitura.

No entanto, a estimulação do gosto pela leitura não deve ser apenas tarefa do educador ou do professor, sendo que os pais também têm aqui um papel muito importante.

É na família que a criança inicia o seu processo de socialização: assim, será responsabilidade da família a aprendizagem das primeiras palavras.

Contar histórias é uma estratégia muito eficaz para incentivar o interesse por aprender a ler.

Há atividades que podem ser utilizadas tanto por pais como educadores e que são um bom auxiliar na aquisição de competências literárias: falamos de ler ou recortar um livro de histórias com gravuras, dialogar sobre um livro apenas com imagens, recortar uma história oral, sequenciando-a com um grupo de gravuras que relatem a história.

Brincar com a linguagem é outra estratégia de fácil utilização, pois ao ser considerada uma brincadeira permite que a criança e o adulto concentrem a atenção nos aspetos formais da linguagem.

Outra estratégia no seio familiar, é a elaboração de listas de compras, pois permite à criança observar as letras enquanto os pais escrevem.

Há muito mais estratégias, utilizadas diariamente tanto em contexto formal como informal e todas elas têm como objetivo permitir à criança que, mesmo sem saber ler, possa formar e identificar palavras, inclusivamente o seu nome.

No plano tecnológico, os computadores podem ser uma mais-valia no incentivo à aprendizagem da leitura, pois as crianças, ao utilizarem os jogos vão começando a entender o que cada palavra significa. Escrever no computador é outra das atividades que pode ser um incentivo, uma vez que as crianças vão aprendendo a localizar as letras ao usarem o teclado.

Segundo Chomsky, (1981) “escrever primeiro, ler depois. As crianças devem aprender a ler com base na sua própria escrita”... “A ordem natural é a criança escrever primeiro e depois tentar ler aquilo que escreveu, é mais atrativo e motivador, torna a escrita e a leitura momentos lúdicos de uma aprendizagem ativa”.

Com os adolescentes devem-se adotar estratégias que vão ao encontro aos seus interesses. Ler é um meio de partilhar conhecimentos e esta partilha é essencial para o bom relacionamento em sociedade e entre os seus pares.

*“Encarar a leitura como uma forma de ócio, compatível com muitas outras, voluntária e nunca imposta, relacionar a leitura com outros interesses (...) Promover a partilha de leituras, respeitar os seus gostos, as diversas formas de leitura, suportes de leitura e envolver mediadores ativos e significativos nas suas vidas, são caminhos possíveis.” (Moreno,2009).*

### 3.4 O conto e o reconto

A leitura de histórias pelos educadores e o reconto pelas crianças são atividades distintas, mas que contribuem para a aprendizagem da criança.

A leitura em voz alta é uma atividade muito presente nas rotinas das salas do ensino pré-escolar. O reconto é uma forma de envolver todas as crianças na história, de modo a que se possam colocar na posição de ouvintes ou na de leitores/ narrador.

O reconto tem assim um papel muito importante na apropriação da linguagem pela criança, pois esta tenta recuperar o texto como ouviu ler, transforma o reconto num modo de utilização da linguagem escrita, não havendo necessidade de se seguir um registo escrito. Segundo Inês Sim-Sim, Silva & Nunes (2008, p.39-41), "Criar uma rotina educativa que inclua diariamente ouvir ler ou narrar histórias" assim como "momentos para que as crianças narrem histórias, recorrendo a diversos materiais e estratégias", promovem o desenvolvimento da comunicação verbal e estimulam as competências necessárias ao seu crescimento linguístico.

Inês Sim-Sim, et al (2008, p. 44), refere a importância do educador cuidar das interações comunicativas, através de atividades que promovam experiências verbais uma vez que "a exposição à linguagem materna e a participação em atividades comunicativas são os motores do desenvolvimento linguístico da criança".

Tendo sempre em atenção ao planificar que, as atividades sejam capazes de estimular e motivar a criança para que esta tenha vontade de interagir e partilhar opiniões e sentimentos.

De acordo com as Orientações Curriculares da Educação Pré- Escolar (1997, p.68) "É no clima de comunicação criado pelo educador que a criança irá dominando a linguagem, alargando o seu vocabulário, construindo frases mais corretas e complexas, adquirindo um maior domínio da expressão e comunicação (...)."

Segundo Inês Sim-Sim (1998), apesar de a apreensão da linguagem materna ser um processo natural no ser humano e não necessitar de um ensino formal, esta autora refere, no entanto, que se desenvolve apenas em contexto social.

De acordo com Silva (1997), reproduzir ou narrar histórias são situações de educação que o educador deve usar com intencionalidade educativa, de modo a promover o diálogo e o interesse em comunicar, visando um maior domínio da linguagem oral.



“Cabe ao educador alargar intencionalmente as situações de comunicação em diferentes contextos, com diversos interlocutores, conteúdos e intenções que permitam às crianças dominar progressivamente a comunicação como emissores e como recetores” (OCPEPE, 1997, p.68).

### 4- Apresentação e justificação do plano de ação

Durante as primeiras semanas de estágio, no período de observação das crianças, verificou-se que estas apresentavam dificuldades ao nível da linguagem.

Em conversa informal com a educadora cooperante, esta referiu que as dificuldades apresentadas por muitas das crianças, se deviam, não só, à idade precoce, mas também por apenas estarem em contexto escolar há pouco tempo. Foi ainda observado que as crianças tinham pouca capacidade de concentração, mas que quando se lia uma história, ficavam mais atentas.

Perante a curiosidade demonstrada pelo grupo na hora do conto, e devido às potencialidades das histórias no desenvolvimento da oralidade, considerou-se ser pertinente utilizá-las como estratégia para a promoção da expressão oral.

Surgiu então a questão: *Será o conto e o reconto da história uma estratégia enaltecadora do desenvolvimento da oralidade?*

Durante o período de observação, verificou-se ainda que devido à idade e especificidade do grupo, deveriam ser utilizadas histórias simples mas com qualidade literária de modo a que, a partir da leitura, fosse possível, não só desenvolver a oralidade como também, aproveitando a transversalidade da linguagem oral, trabalhar outros conteúdos importantes para o grupo em questão.

As atividades desenvolvidas através da exploração das histórias foram planeadas de acordo com os interesses das crianças, tentando, sempre que possível, articular com o plano curricular da educadora cooperante. A partir da leitura das histórias decorreram várias atividades que proporcionaram experiências de aprendizagem em algumas áreas de conteúdo, trabalhando assim, de um modo transversal e integrador.

No final do projeto, pretende-se que as crianças tenham adquirido competências e comportamentos específicos:

- Saber escutar
- Esperar pela sua vez
- Relatar/explicitar acontecimentos e ideias- Quando? Onde? Quem? Como? Com quem?
- Comportar-se adequadamente em grupo
- Manifestar curiosidade por aprender

### 4.1 Metodologia

No desenvolvimento do projeto será usada uma metodologia de investigação sobre a própria prática, construída a partir da experimentação, análise e reflexão, de modo a poder estruturar e implementar uma prática educativa de qualidade no meu futuro como educadora de infância.

Na minha opinião, esta é a metodologia que melhor se aplica ao desenvolvimento do projeto, pois, segundo os defensores da metodologia investigação sobre a própria prática, esta ajusta-se melhor ao estudo de conteúdos específicos, bem como à descoberta de soluções do que a investigação tradicional.

De acordo com Ponte (2002), investigação sobre a própria prática pode ser definida como a análise de uma situação social por forma a melhorar a qualidade da ação que acontece nesse acontecimento.

A área de expressões, tais como a Expressão Plástica, a Expressão Musical e a Expressão Motora serão usadas como estratégias de forma integral, sempre que se considerar oportuno, por forma a motivar as crianças.

É através do diálogo que as crianças aprendem a exprimir-se corretamente, não só ao falar, como também ao ouvir os outros. Mesmo quando brincam, falam entre si ou questionam o adulto: estes momentos estão sempre presentes, uma vez que são aspetos essenciais do dia-a-dia. Cabe ao educador usar esses momentos para promover aprendizagens, proporcionando momentos de comunicação em grande grupo, em pequeno grupo, narrar, reproduzir ou inventar histórias, acontecimentos, debater as regras de grupo, planejar atividades, negociar a distribuição de tarefas, fazer perguntas para obter informações.

As atividades, planeadas em sequência didática e partindo sempre da leitura de uma história, visam proporcionar momentos de comunicação em grande grupo onde, através do reconto, serão desenvolvidas atividades de várias áreas de conteúdo, de modo a que as potencialidades das crianças possam ser estimuladas de modo integral.

Serão usadas histórias narrativas com e sem livro como, por exemplo, dramatização com fantoches e utilização de apresentações digitais (Microsoft PowerPoint®).

As canções e as lengalengas poderão também ser usadas, mesmo em momentos de brincadeira, pois são uma forma lúdica de transmitir às crianças palavras que não conhecem ou que têm dificuldade em articular. Algumas delas podem ser acompanhadas por gestos, de modo a que a criança perceba e interiorize melhor o significado das palavras.

As atividades terão início com a antecipação do livro, seguida da leitura da história.

Depois de ler, terá lugar um diálogo com as crianças, orientando-as para o conteúdo do livro: enumerar as personagens, qual o tema, a relação com o título, refazer a sequência dos acontecimentos, como termina.

O objetivo das atividades é que as crianças, gradualmente, se apropriem da noção de estrutura das histórias.

Pretende-se que, no fim do projeto, já se apercebam que há sempre uma introdução, (era uma vez), um assunto (desenvolvimento) e um fim (e viveram felizes para sempre/vitória, vitória, acabou-se a história). No desenvolvimento, vão conseguindo, progressivamente responder às questões de tempo, local e personagens, bem como definir o tema.

### **4.2 Planificação global/teia/esquema**

Recorreu-se a um esquema para planificar o trabalho a realizar. Esse esquema, que se encontra no Apêndice 2, contém todas as atividades desenvolvidas a partir de cada história, subdivididas pelas diversas áreas de conteúdo que se pretendiam explorar.

### **4.3 Recursos**

Recorreu-se aos seguintes recursos humanos para a realização das atividades: Educadora cooperante, auxiliar, estagiária, o grupo de crianças e a diretora do J.I.

Os materiais utilizados ao longo do plano de ação foram diversificados, de modo a proporcionar experiências diferentes, promovendo a possibilidade de expressão.

Foram utilizados papéis de diferentes cores e texturas, diferentes materiais para pintar entre os quais lápis de cera semelhantes a canetas de feltro, colas, tintas, dracalon, flanelógrafo, papel de cenário, imagens plastificadas, velcro, livros de histórias, computador, entre outros.

### 4.4 Avaliação

Como avaliação será usada a observação direta, bem como a análise dos registos áudio por forma a perceber se, efetivamente, a estratégia do reconto de histórias pode promover o desenvolvimento da oralidade. Através das respostas obtidas às questões *Quando? Onde? Como? Com quem?* realizadas na primeira e na última história, é dada resposta à questão-problema que desencadeou todo o projeto: *Será o reconto, a partir de histórias, uma estratégia facilitadora do desenvolvimento da oralidade?*

Foram realizadas observações participantes, nas quais a recolha de dados não se limitou a ver e ouvir, mas também a refletir sobre a ação decorrida. Nesta observação, existiu uma participação real da estagiária.

As observações tiveram o objetivo de averiguar a forma como as crianças se vão apropriando da estrutura do reconto, recorrendo ainda ao registo áudio para avaliar se houve evolução entre a primeira e a última atividade.

Será realizada uma entrevista às crianças no início e no final das atividades. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p.134) “a entrevista consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas”. A entrevista terá como objetivo analisar o tipo de resposta que as crianças darão no início das atividades e comparar com as respostas que darão no final, de modo a poder comparar e concluir se, efetivamente, estas atividades contribuíram para o desenvolvimento da oralidade.

Ainda segundo os mesmos autores, “na investigação qualitativa, as entrevistas podem (...) ser utilizadas em conjunto com a observação participante” (op. cit., p. 134), situação que pode ser observada nesta investigação.

As notas de campo foram o instrumento utilizado para registar os momentos da observação, tendo uma parte descritiva e outra reflexiva, sendo que, a descrição compreendeu um registo detalhado do que decorreu com a aplicação das atividades. A parte reflexiva incluiu as observações pessoais da estagiária, bem como as suas especulações, decorrentes dessa mesma aplicação.

### 4.5 Participantes do estudo

As atividades foram realizadas com todas as crianças, no entanto, para a avaliação das mesmas, foi selecionado um pequeno grupo de 6 crianças, onde estiveram incluídas as 3 mais velhas e 3 das mais novas da turma. A escolha das crianças foi de acordo com a assiduidade e a presença na sala no horário da manhã, uma vez que as atividades extracurriculares coincidem com os dias de estágio.

### 4.6 Calendarização/cronograma

Não consegue colocar aqui uma tabela com a calendarização? Vou fazer um exemplo.

Com o botão direito do rato pode adicionar e remover colunas e linhas.

	Abril	Maio			Junho
	21/4	28/5	5/5	12/5	
	25/4	2/5	9/5	16/6	
Atividade 1	A casa da mosca fosca				
Atividade 2		O Baú dos Estados do Tempo			
Atividade 3			A lagarta comilona		
Atividade 4				As mãos não são para bater	
Reflexões finais					

Quadro 1- Cronograma

### 4.7 Questões de ética

Como modo de salvaguardar a identidade das crianças, não será utilizado o nome próprio destas nem fotos onde seja possível identificá-las.

### 4.8 Implementação do plano de ação

A partir da leitura de quatro histórias diferentes foram criadas quatro sequências didáticas, sendo seguida sempre a mesma estrutura na planificação das várias atividades ao longo da implementação do projeto. Todas as atividades desenvolvidas foram pensadas e estruturadas com base nas características específicas do grupo e nas características do contexto educativo, bem como com tema principal do relatório- *promoção da oralidade*. Pretendeu-se com a aplicação das atividades, proporcionar através de situações diversificadas de diálogo e interação, oportunidades para que as crianças desenvolvessem capacidades de compreensão e expressão oral.

#### **Primeira sequência didática**

Relato e reflexão

1º dia

Esta sequência didática decorreu ao longo de três dias de estágio.

O primeiro dia da aplicação da atividade foi apenas no sentido de perceber se houve compreensão do oral ao comentar com as crianças o conteúdo do livro. Neste primeiro momento não foi dada relevância à enumeração dos personagens ou à sequência dos acontecimentos. Pretendeu-se apenas que fosse um momento de troca de impressões sobre a história acabada de ler.

Segundo Kramer (2007, p.20), o momento pós-leitura "permite que a criança seja capaz de perguntar, aprender e crescer intelectualmente".

Para dar resposta aos pontos fracos do grupo e que se reportam à Linguagem Oral, o objetivo principal desta sequência didática visava fomentar a oralidade criando, para isso, situações de comunicação. Assim, com o intuito de promover o diálogo, iniciou-se a exploração desta atividade com a pré-leitura do livro. Nesta fase, foi foram apresentadas às crianças a capa e a contra capa com o objetivo de perceber o que esperavam encontrar no livro. Aqui, e com base na observação da capa e do título, as crianças responderam que o livro era sobre a mosca e a sua casa.

Numa segunda fase, foi iniciada a leitura textual da história *A Casa da Mosca Fosca* (Mejuta e Mora, 2010). Como forma de estimular a imaginação das crianças, foi decidido que se procederia apenas à leitura sem recorrer às imagens para que tirassem o máximo partido da narrativa e se concentrassem nas rimas, ritmos e repetições nela existente.

Segundo Costa (1992), "as histórias rimadas" são uma forma de introdução à poesia devido ao esquema ritmado que apresentam e devido à sua simplicidade tornam-se acessíveis para as crianças em idade precoce. Este tipo de texto permite preparar as crianças para o ritmo e o som, uma vez que o "brincar" com as palavras os torna atrativos nesta faixa etária.

Após a leitura da história, foram então apresentadas às crianças as imagens que constam nas várias páginas do livro. Pretendia-se que, de acordo com a página visionada, as crianças identificassem o animal que nela aparecia, mesmo que não fosse possível reproduzir os dois nomes. Por exemplo, referirem que é o sapo mesmo que não digam "Sapo Larapo". No entanto, à medida que estas eram mostradas, as crianças, talvez devido a serem imagens pouco convencionais, revelaram muita dificuldade em identificar o animal que aparecia. Perante esta dificuldade, que não tinha sido prevista, procedeu-se em cada página à nomeação do personagem, sendo as crianças incentivadas a repetir esse mesmo nome.

Apesar de inicialmente terem dificuldade em repetir os nomes dos personagens, foi notório o interesse que demonstraram na musicalidade dos nomes e a persistência em os repetir várias vezes, o que levou a que superassem essa dificuldade. Esta questão vai ao encontro do que é mencionado por Sim-Sim, Silva e Nunes (2008, p.47) quando afirmam, referindo-se à sensibilidade das crianças acerca da estrutura sonora das palavras no texto poético, que "possibilitam às crianças exteriorizar o prazer em ouvir e repetir palavras que rimam desencadeando na criança a percepção da estrutura sonora das palavras adquirindo também, intuitivamente, a estrutura e o funcionamento da língua".

À medida que o diálogo prosseguia, iam sendo colocadas às crianças questões sobre a opinião de cada um e a respetiva preferência pelos personagens do texto. Alguns referiram que gostaram mais da mosca porque "era amiga...porque tinha chamado os amigos para a casa nova". Outros gostaram da "Raposa Tramosa" porque o nome era "giro". Todos concordaram que o "Urso Lambeiro" tinha sido mau e guloso. Referiram ainda que a "Mosca Fosca" e os amigos tinham ficado tristes por não terem comido o bolo e que a "Mosca Fosca" quando fizesse outro bolo, tinha que fechar a porta à chave para o Lobo não entrar. Outra criança aqui acrescentou: "Se a Mosca fizer dois bolos, o Lobo já pode ir!". Estas respostas, além de transmitirem que existiu compreensão do conteúdo do texto, revelaram ainda empatia pelos sentimentos dos animais da história. De acordo com Kramer (2007, p.20), ouvir contar histórias permite que a criança se desenvolva não só intelectualmente, como promove nesta a interiorização de valores.



De seguida iniciou-se a pintura das várias imagens representativas dos personagens da história. Apesar de o projeto se centrar na promoção da oralidade, segundo as OCEPE (1998), após a leitura das histórias, devem decorrer diversas atividades que promovam experiências de aprendizagem nas várias áreas de conteúdo. Ainda segundo as OCEPE (p.61), as crianças devem explorar diversos materiais de modo a promover a sua criatividade artística, o que irá contribuir para o desenvolvimento da afetividade, da sensibilidade e da aceitação da diferença.

As crianças estão mais habituadas a pintar com canetas de feltro, mas como se pretendia promover o manuseamento dos lápis de cor, foi perceptível alguma dificuldade em usar os lápis mais pequenos, no entanto, usando este material de pintura, além das imagens ficarem mais visíveis, promove-se um maior desenvolvimento da motricidade fina.

Enquanto pintavam, as crianças iam sendo questionadas sobre os nomes dos personagens, promovendo deste modo o desenvolvimento da oralidade, uma vez que estes eram difíceis de pronunciar e de fixar.

### **2º dia**

No segundo dia, em grande grupo, foi proporcionado o diálogo sobre a história do dia anterior. Para isso, foram usadas as imagens que as crianças tinham pintado e que já estavam recortadas, plastificadas e com velcro para poderem ser aplicadas no flanelógrafo.

O reconto foi feito através de questões que, além de desenvolverem a oralidade, promoviam a perceção da sequência temporal:

- Quem é o personagem principal desta história?

“A Mosca Fosca!”

- Porque a Mosca Fosca resolveu fazer uma festa?

“ Porque tinha uma casa nova; porque queria ter amigos!

- Quem foi o 1º a chegar à Casa da Mosca Fosca?

“Foi o Escaravelho Carquelho!”

- E o 2º? E o 3º? (...)

Apesar de apenas algumas crianças não terem respondido acertadamente, eram usadas as respostas certas para dar continuidade à atividade:

“Sim, a Raposa Tramosa foi a 5ª a chegar, e quem foi a 6ª?”

Devido à idade precoce do grupo e ao grau de dificuldade existente nos nomes dos animais da história, certos nomes nunca foram bem pronunciados, como é o caso do “Escaravelho Carquelho”, no entanto conseguiram aprender e dizer corretamente “escaravelho”, palavra esta que não conheciam inicialmente.

À medida que o diálogo se desenvolvia, as imagens iam sendo colocadas por ordem no flanelógrafo que levei para a sala (figura 8). Esta ordenação da sequência da história, além de promover a percepção da sequência temporal, é também importante no desenvolvimento da oralidade, pois de acordo com Silva et al. (1997), recontar histórias a partir de imagens é uma forma de abordar o texto narrativo.

Depois de todas as imagens estarem expostas em fila (figura 9), as crianças foram incentivadas a contá-las, o que todas fizeram sem dificuldade, pois as imagens dispostas em fila tornam o ato de ordenação mais claro para as crianças, o que vai ao encontro do que é referido por Castro e Rodrigues (2008), “a disposição de objetos em fila, facilita a contagem pois permite a separação dos objetos contados e os que faltam contar” (p.18).

De seguida, o diálogo foi direcionado no sentido de promover a relação entre a linguagem e a construção do tempo, usando para isso as expressões, “antes” e “depois”.

- Quem chegou depois do Sapo?
- Quem chegou antes do Urso Lambão?
- Quem foi o último a chegar?

Através da sequencialização das imagens desenvolveu-se a exploração da sequência temporal por meio de expressões, cujo sentido já é do conhecimento do grupo.

Para ir ao encontro de outro dos objetivos da planificação desta atividade o diálogo foi, de seguida, direcionado para o tamanho dos personagens através de algumas questões:

Estagiária - A mosca é maior ou mais pequena que o sapo?

Crianças - A mosca é mais pequena que o sapo mas o urso é o maior de todos!

Estagiária - Sim, o urso é o maior de todos e então qual é o mais pequeno de todos?

Crianças - A mosca!

Estagiária - Qual é o animal que é um bocadinho maior que o Morcego Ralego?

Crianças - O sapo; a coruja!

Estagiária - Então e se colocássemos os animais começando no que é mais pequeno até chegar ao maior?

Crianças - A Mosca é a primeira!

Estagiária - Quem está à frente do Morcego Ralego?

Crianças - O escaravelho!

Estagiária - E atrás da Coruja Rabuja?

Crianças - O sapo!

A atividade decorreu de uma forma entusiástica com as crianças a comentarem o animal que era colocado pelo colega: “Não, esse não é aí... esse fica a seguir ao sapo porque é um bocadinho maior...o urso não pode ser porque tem que ser o último é o maior de todos!” (figura 10).

Segundo as OCEPE (2008), devem ser usadas expressões como “maior do que”, “menor do que” para comparar quantidades e grandezas.

Para promover conceitos sobre a posição relativa dos objetos devem ser usadas expressões como “à frente de”, “atrás de”. As crianças foram ainda questionadas sobre:

Estagiária - Quem está à frente do Morcego Ralego?

Crianças - O escaravelho!

E atrás da Coruja Rabuja?

“O sapo!”

Esta atividade permitiu, ainda desenvolver a capacidade de observação e perceção visual.

Como conclusão foi ainda perguntado ao grupo:

Estagiária - Porque é que o Urso Lambeiro comeu o bolo todo?

Crianças - Porque era guloso, porque era mau, porque não foi convidado.

Usando a última resposta continuou-se a questionar o grupo:

- E porque é que não foi convidado?

“Porque a mosca não gostava dele”, “porque ele era mau”, “porque a mosca só tinha sete lugares”.

As respostas que eram usadas para continuar o diálogo revelaram que o conteúdo da história tinha sido compreendido por alguns e por ocorrer em grande grupo permitiu que as crianças que se encontram num nível diferente de desenvolvimento se apropriassem do conhecimento dos colegas de grupo. Estes diferentes níveis de desenvolvimento devem-se ao facto de que, algumas crianças estão pela primeira vez, em contexto educativo.

Para a continuação do reconto, aproveitou-se o natural fluir da comunicação oral, utilizando-o com propósitos e finalidades que convinham à atividade desenvolvida no momento.

Recorrendo à cena da ação do urso, de comer o bolo sem ser convidado, as crianças foram ainda questionadas sobre o que pensavam sobre esse assunto e sobre a partilha. Todas referiram que

não se devia tirar o que é dos colegas e que o urso fez mal em comer o que não era dele sem dizer “posso?” e que “quando queremos que os amigos emprestem um brinquedo devemos pedir e não tirar com força”. Acrescentaram ainda que os amigos devem partilhar as gomas e os brinquedos. Aqui, a conclusão da história foi usada como promotora de valores, o que vai ao encontro do que é referido por Roldão (2001), “as histórias têm atravessado as mais variadas épocas e culturas, constituindo-se como poderosos instrumentos de transmissão e estruturação de ideias, crenças e valores” (p.71).

### 3º dia

No 3º dia, usando o computador, as crianças tiveram oportunidade de ouvir e imitar os sons que os animais emitem. Num primeiro momento era-lhes solicitado que referissem o nome do animal cujo som ouviam. Aqui, revelaram conhecimento dos diferentes sons emitidos pelos animais. Apenas foram usados os sons dos animais mais conhecidos para não tornar a tarefa demasiado difícil e desmotivadora (mosca, urso, vaca, cão, gato, pássaros, pato, cavalo). Algumas crianças, no início, não identificaram o som do cavalo. No entanto, com o decorrer da atividade, todas o conseguiram identificar.

A estratégia de realizar as atividades em grande grupo tem sido promotora do desenvolvimento das crianças com mais dificuldade. Uma vez mais, nesta atividade isso foi notório. As crianças que conheciam o som do cavalo passaram a informação às restantes, o que vai ao encontro das OCEPE (1997) quando referem que trabalhar em grupo leva a que as crianças mais colaborantes estimulem as que têm dificuldades, pois é na interação com o grupo que se desenvolvem competências e mais facilmente se apropriam dos termos corretos dentro das várias áreas.

Num segundo momento, as crianças deveriam imitar o som do animal que ia sendo nomeado. Mais uma vez, nesta atividade o som do cavalo não foi efetuado por todos, mas ao fim de várias tentativas, e por imitação dos que já o conseguiam realizar, no final todas as crianças conseguiram reproduzir as vozes dos animais propostos.

Reproduzir as vozes dos animais é uma forma de dramatização o que, de acordo com as OCEPE (1997), promove a aquisição de conhecimentos de um modo lúdico.

Neste dia, as crianças cantaram a canção “eu vi um sapo”. Apesar de todos dizerem que conheciam, percebi que apenas eram capazes de cantar a frase do título, alguns acrescentavam “estava a papar, um bom jantar”. Coloquei então o vídeo com a música gravada e depois de a

ouvirem na totalidade, repetimos a primeira e a segunda quadra várias vezes até que alguns a conseguiram cantar ao mesmo tempo que o vídeo. Esta atividade decorreu enquanto as crianças se mostraram interessadas e motivadas para o fazer, pois segundo Sanches (2001, p.45), “o envolvimento dos alunos é provavelmente o aspeto mais importante das estratégias de aprendizagem”.

Mesmo as crianças que normalmente são menos participativas evidenciaram prazer em cantar e fazer alguns gestos quando a letra assim o proporcionava. De acordo com o referido por Hohmann & Weirt (2004, p. 39), “a música, nesta fase, tem uma enorme importância, pelo facto de as crianças mais novas estarem tão abertas a ouvir, a fazer música e a moverem-se ao seu som”.

Quando as crianças começaram a evidenciar sinais de desinteresse, levantando-se, pedindo para ir ao WC ou beber água ou mesmo, “implicando” com o colega do lado, foi o momento de mudar de atividade. Dirigiram-se então aos seus lugares nas mesas onde iriam fazer um desenho sobre a história. Este grupo gosta muito de fazer desenhos, apesar de existir uma grande disparidade no grau de desenvolvimento em que se encontram. No entanto, através dos desenhos, foi possível perceber que tinham entendido a história, pois quando circulava pelas mesas perguntando o que estavam a desenhar, todos referiam algum dos personagens ou das ações decorridas ao longo da narrativa.

Segundo Silva (1997, p.69), “não podemos esquecer que o desenho é também uma forma de escrita e que os dois meios de expressão e comunicação surgem muitas vezes associados, completando-se mutuamente. O desenho de um objeto pode substituir uma palavra, uma série de desenhos permite “narrar” uma história ou representar momentos de um acontecimento”.

Para finalizar esta primeira sequência pedagógica do projeto, era necessário proceder-se à realização de uma gravação áudio que iria ser usada para avaliar o desempenho da aplicação das várias atividades na promoção do desenvolvimento da oralidade. O grupo que tinha sido previamente selecionado pela educadora, deslocou-se à sala do lado para permitir deste modo, a gravação do áudio. A decisão de a gravação ocorrer fora da sala e com um grupo restrito, prendeu-se com o facto de se ter experimentado em grande grupo e de as respostas não serem audíveis.

A aplicação desta sequência pedagógica, desenvolvida em torno do livro “A casa da Mosca Fosca”, foi promotora do desenvolvimento da oralidade, na medida em que, permitiu explorar as possibilidades da língua, despertando as crianças para a beleza do texto poético, permitindo um

alargamento das competências linguísticas. Aguiar & Silva (1981) consideram a Literatura Infantil um “laboratório linguístico” que vai permitir que a criança entenda e use construções frásicas cada vez mais complexas, promovendo o alargamento do vocabulário.

Devido à transversalidade da área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita foi possível planificar, articulando com outras áreas de conteúdo, nomeadamente na área da Matemática. Ao sequenciarem os acontecimentos da história, promoveu-se na criança o desenvolvimento de “ter noção de tempo”, indo ao encontro das OCPEP (1997, p.75) onde se refere que os acontecimentos de uma história respeitam uma sequência, o que facilita a interiorização de conceitos do domínio da Geometria e Medida.

Foi ainda possível desenvolver, através deste livro, a compreensão e consolidação do conceito de numeral que se insere no domínio dos Números e Operações.



Figura 8- As crianças colocam os personagens sequencialmente



Figura 9 – As crianças contam os personagens



Figura 10 – Os personagens são colocados por ordem crescente.

### Segunda sequência didática

#### Relato e reflexão

O livro e a criação do Baú surgiram na sequência de uma atividade de Expressões Criativas Integradas, na qual, através de um ativador (metamorfose parcial do objeto) surgiu um outro objeto que depois de passar por várias transformações, dá lugar a algo completamente diferente do inicial.

A partir de um baú foi criada uma história que posteriormente foi adaptada à faixa etária em causa, bem como as seguintes atividades.

No tapete todos queriam saber o que estava num saco grande que levei para a sala. Foi-lhes respondido que era uma surpresa e que primeiro tinham que ouvir a história.

A história retratava um baú que vivia esquecido num sótão que servia para arrumação de brinquedos, mas que um dia ganha vida. É através de todos os materiais que estão no seu interior que constrói o próprio corpo, que lhe vai permitir sair do sótão e conhecer o mundo exterior. No processo de transformação, o baú relaciona-se com os adultos e as crianças, e depois de várias peripécias acaba por ser acolhido por um grupo de crianças de uma escola, onde passa a ter a função de as informar diariamente acerca do estado do tempo.

Após a leitura da história sem interrupções e sem mostrar as imagens, para estimular a imaginação, foi a vez de terem contacto visual com o interior do livro. Através do computador e da visualização de cada página do livro, as crianças iam relembrando o que acontecia na imagem descrita em cada uma. Este clima de comunicação desenvolvido promove, segundo as OCEPE, (1997, p.67) o alargamento do vocabulário, na medida em que permite que as crianças vão construindo frases cada vez mais corretas e complexas.

De seguida, as crianças foram questionadas sobre o que estaria no interior do saco. Responderam que seria um cão, um boneco, um livro. Como nenhum acertou, o Baú foi então retirado do saco e revelado ao grupo (figura 11). As crianças ficaram muito caladas. A surpresa por elas revelada demonstrou que não suspeitavam que um personagem do livro que tinham acabado de ler, saísse tal e qual como aparecia no livro, de dentro de um saco. Depois da reação inicial, levantaram-se para lhe tocar. Foi permitido que o fizessem à vontade, sendo no entanto referido que não deveriam fazer nada que o estragasse.

Depois de satisfeita a curiosidade natural e de todos se sentarem, iniciou-se um diálogo sobre o que tinha acontecido ao Baú. Em grande grupo, conversou-se sobre como ele era inicialmente e o que tinha acontecido ao longo das páginas que permitiu o resultado final. Alguns lembravam-se mesmo da ordem correta pela qual surgiram as transformações. Questionados sobre se tinham gostado da forma como o Baú foi transformado e o que cada um mudaria se fosse ele, alguns disseram que: "não mudariam nada", "estava bem assim", mas outros referiram que o Baú devia ter umas mãos melhores. Foram então inquiridos sobre a forma como o fariam. Uma das crianças respondeu que podiam usar as luvas do frio. Esta resposta foi muito interessante pois, além de revelar que estava atento, ainda demonstrou que entendeu o processo de transformação do objeto. O diálogo prosseguiu de seguida sobre o que estava no interior do Baú. Foram retirados os cartões um a um e o grupo ia verbalizando o que via:

"Está sol!"

"Está a chover!"

"Está sol mas às vezes chove!"

"Está trovoada."

Estas respostas demonstraram que, apesar de não terem sido informados de que aquelas imagens eram para a marcação dos estados de tempo, todas as crianças os referiram nesse sentido, revelando assim que tinham percebido a história pois, de contrário, teriam referido os cartões pelo desenho e dado respostas como por exemplo: "é o sol; é a nuvem; é a chuva..."

De seguida, as crianças foram orientadas no sentido de usarem os cartões para marcar o estado do tempo desse dia. Posteriormente, foram colocadas algumas questões:

- Se fosse inverno, que tempo estaria?
- E se fosse verão?

As crianças que colocavam o dedo no ar levantavam-se e respondiam com a colocação correta do cartão.

Todas as crianças conseguiram associar os cartões da chuva e frio ao Inverno e o sol ao Verão.

Depois de todos terem usado os cartões, foi apresentado às crianças uma folha onde se via o desenho do Baú original e onde cada um deveria desenhar o que faltava para ficar igual ao que tinham na sala (figura 12). Apesar de estarem todos na mesma faixa etária, ainda é muito visível a diferença entre o nível de aprendizagem, como atesta o exemplo da figura 3. Enquanto algumas crianças do grupo corresponderam sem dificuldade ao que foi proposto, outras crianças apenas riscaram o trabalho apesar de, muitas vezes, esses riscos serem efetuados com intencionalidade



pois, ao serem questionadas sobre o que fizeram, referiram corretamente o que se pretendia: “É o braço do Baú; é o chapéu...”

Para auxiliar as que apresentavam mais dificuldade, iam sendo orientadas através de algumas questões:

“Olha para o nosso Baú, que te parece que tens que desenhar aqui para ficar igual?”

”Então e aqui, não achas que devias desenhar uns olhos?”

E aqui talvez uns braços?”

É muito importante saber aproveitar o que cada criança produz e valorizar a sua participação.

No segundo dia, depois da história ter sido lembrada e de se ter procedido à marcação do estado do tempo desse, recorrendo aos cartões existentes no interior do Baú, foi dada continuidade à tarefa, através de um diálogo sobre os sentimentos e as emoções que o Baú teria sentido. As crianças foram questionadas sobre como é que se sentiriam se fossem um Baú e estivessem sozinhos no sótão e como se sentiriam depois de conhecerem os meninos na escola. Responderam que estariam “tristes“ e depois “muito contentes”! No clima de comunicação desenvolvido, foi essencial prestarem atenção e esperarem a sua vez para poderem participar no processo comunicativo. Segundo as OCEPE, 1997, p. 67), “é no clima de comunicação criado pelo educador que a criança irá dominando a linguagem, alargando o seu vocabulário, construindo frases mais corretas e complexas, adquirindo um maior domínio da expressão e comunicação que lhe permitam formas mais elaboradas de representação.

Posteriormente, as crianças foram informadas de que como o livro só existia no computador (formato digital), o grupo deveria construir um livro físico para poder ficar na sala. Foram mostradas as várias páginas do livro e explicado que, de acordo com o que fosse lido, cada grupo teria que proceder à respetiva transformação sugerida (figura 13). Este trabalho foi desenvolvido em pequeno grupo para que fosse possível auxiliarem-se umas às outras. De acordo com as OCEPE, 1997, p35), ”é no trabalho em pequeno grupo que as crianças têm oportunidade de confrontar os seus pontos de vista e de colaborar na resolução de problemas ou dificuldades colocadas por uma tarefa comum”.

Como já foi referido, cada folha tinha um Baú no qual as crianças teriam que acrescentar a transformação que era sugerida pelo respetivo texto. Este trabalho revelou-se mais complicado do se esperava e teve que ser realizado individualmente. No entanto foi perceptível que a maioria das crianças conseguiu entender o que se pretendia, mesmo tendo dificuldade em o efetuar.

A elaboração das várias páginas do livro teve como objetivo recriar os momentos da história o que, de acordo com as OCEPE (2009, p.62) "são meios de documentar projetos que podem ser depois analisados, permitindo uma retrospectiva do processo desenvolvido". Foi ainda elaborada a capa tendo sido coladas as letras das palavras "O BAÚ" pela ordem certa olhando para a palavra escrita no computador (figura 14).

Nesta atividade, pretendeu-se facilitar a emergência da linguagem escrita ao ser apresentada às crianças uma atividade na qual tiveram oportunidade de articular a imagem com a informação escrita. Ao contribuírem para a construção da história, permitiu que as crianças compreendessem que a escrita representa a linguagem oral, ao desenvolverem uma atividade significativa e contextualizada nesse sentido.

No terceiro dia, as crianças foram questionadas em grande grupo no sentido de cada uma se expressar sobre a história, proporcionando assim, momentos de diálogo. Segundo Silva (1997), reproduzir histórias é uma das muitas situações possíveis de intencionalidade educativa para a promoção e desenvolvimento da Linguagem Oral. Enquanto algumas crianças se recordavam de quase tudo, outras apenas repetiam o que ouviam, demonstrando por vezes alguma distração e falta de motivação em responder. Esta discrepância na concentração e realização das atividades propostas, poderá ser explicada pelos diferentes níveis de desenvolvimento em que as crianças da sala se encontram, apesar da heterogeneidade do grupo.

Foi então sugerido às crianças para que se sentassem nos respetivos lugares onde iria decorrer a atividade seguinte. Foram informadas de que, como os cartões que serviam para a marcação do estado do tempo tinham sido construídos por outras crianças, talvez eles pudessem fazer o mesmo e construir os seus próprios cartões. Todos concordaram que seria agradável usarem os cartões deles para marcarem o estado do tempo. Depois de sentados nos lugares, foi entregue a cada um um pequeno retângulo em cartão grosso. No centro das mesas já se encontravam os diversos materiais que iriam ser usados para o efeito. De seguida, recorrendo ao recorte e colagem de materiais, foram criados diversos cartões com nuvens, sol, nuvens com trovoadas, nuvens com chuva, arco-íris. Quando todos estavam finalizados, colou-se pequenos quadrados de fita de velcro por detrás dos cartões e as crianças marcaram o estado do tempo na placa do baú (figura 15). Esta atividade decorreu de forma muito positiva tendo as crianças demonstrado estarem concentradas na sua realização, querendo experimentar várias técnicas, como por exemplo, depois de terem pintado a nuvem, pediram para também colar algodão.

Promover atividades que permitam o contato com diversos materiais e técnicas permite que as crianças não só desenvolvam a motricidade fina, como adquiram um gosto pela arte e pela cultura. “Constituem momentos privilegiados de acesso à arte e à cultura que se traduzem por um enriquecimento da criança, ampliando o seu conhecimento do mundo e desenvolvendo o sentido estético” (M. E. 1997, p.63)

Devido à transversalidade da área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a leitura orientada do livro do Baú proporcionou a realização de atividades não só no âmbito da mesma, mas também na área do Conhecimento do Mundo e da Expressão Plástica. Segundo Traça (1992), contar histórias, além de promover o contacto das crianças com os livros, amplia o conhecimento do mundo, despertando a curiosidade, desenvolvendo o imaginário e o sentido crítico.

Com o desenvolvimento das atividades foram criadas situações que promoveram a descoberta e a exploração do mundo, estimulando a curiosidade natural das crianças. De acordo com Silva (1997, p.79) “a área do Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural das crianças e no seu desejo de saber e compreender porquê.”

Na exploração desta sequência didática, foi ainda possível as crianças partilharem as ideias prévias e conhecimentos com os restantes elementos do grupo.

A abordagem ao livro realizada através do recurso a um objeto que estava presente na sala (que era também o personagem) e as atividades por ele proporcionadas, tiveram um balanço positivo na medida em que se promoveu a concentração. No processo comunicativo é essencial prestarem atenção e esperarem pela sua vez para falar, pois, só assim podem compreender a mensagem proferida.

As atividades lúdicas promovem o desenvolvimento da Linguagem Oral ao fomentarem experiências de interação comunicativa entre crianças e com adultos. De acordo com o que é mencionado por Lopes (2006, p.11), “estimular e desenvolver a linguagem é pois, em larga medida, promover o desenvolvimento cognitivo, afetivo, as relações humanas e o bem-estar físico e mental não só do indivíduo como da comunidade em que está inserido.”



Figura 11- O Baú.



Figura 12 – Reproduzir a transformação do Baú.



Figura 13 – Exemplo de diferença nos níveis de desenvolvimento apresentado pelo grupo.



Figura 14– Livro concluído pelas crianças.



Figura 15 – As crianças usam os próprios cartões para a marcação do tempo.

### Terceira sequência didática

#### Relato e reflexão

##### 1º dia

Esta sequência didática, à semelhança das anteriores, teve início com as crianças sentadas na zona do tapete na hora do acolhimento. Depois das várias rotinas que decorrem habitualmente nesse período da manhã, as crianças foram questionadas sobre as várias coisas que podiam fazer com as mãos. As respostas iam sendo escritas em folhas brancas para, posteriormente serem recortadas e coladas numa cartolina. A ideia inicial era escrever diretamente na cartolina, mas devido a se ter considerado que dessa maneira as crianças não participavam diretamente, optou-se por usar uma folha branca e posteriormente recortar as frases entregando-as aos seus respectivos autores. Desta maneira, cada criança tinha a oportunidade de ligar a sua frase à própria mão que, de acordo com a planificação para o dia seguinte, seria desenhada, recortada e colada numa folha de cartolina.

A estratégia de escrever o que as crianças dizem, permite que estas compreendam que se pode partilhar informação através do código escrito assim, com esta atividade, foi possível que o grupo se familiarizasse com o código escrito e com a sua importância na transmissão da mensagem oral.

Já com as várias frases escritas, o diálogo foi orientado no sentido de as crianças referirem o que por vezes faziam com as mãos que levava a que os colegas ficassem tristes. Todos perceberam o que se pretendia e foram dando respostas como:

“Puxar os cabelos”; “empurrar.” Verifiquei que realmente as crianças tinham noção de que realizavam algumas ações desagradáveis para com os colegas.

De seguida foram informados que o título do livro para esse dia era “As mãos não são para bater” e, quando questionados sobre o que esperavam que fosse a história, referiram basicamente o que antes tinham dito sobre o que se deve fazer com as mãos.

Como o livro era em formato digital, a leitura foi acompanhada pela visualização das páginas, permitindo que as crianças vissem várias ações decorrentes da utilização das mãos.

No final da leitura o diálogo incidiu no que tinham visto e ouvido. Algumas das crianças referiram certas ações dizendo “Eu disse primeiro que as mãos servem para calçar os

sapatos” ou “Eu também disse que as mãos são para podermos brincar”. Com estas respostas foi possível perceber que tinham estado atentas à leitura do livro.

O grupo, quando questionado sobre quem era o personagem principal da história, referiu de imediato que era “as mãos”. Esta resposta evidenciou compreensão pois, apesar de em todas as páginas aparecerem crianças e isso poder levá-los a responder nesse sentido, a resposta dada pela maioria foi “As mãos dos meninos!”

Posteriormente o diálogo foi direcionado no sentido de as crianças refletirem sobre como se sentiam quando algum colega usava as mãos para lhes bater ou empurrar. Todos responderam que “ficavam tristes ou que choravam e que isso não se faz”, indicando o nome de quem o costuma fazer com mais frequência na sala: “O J. é que bate nos amigos”; “O P. está sempre a empurrar!”

A leitura da história levou ainda as crianças a concluir que quando questionadas sobre o que fazer quando estavam zangadas com um colega, “em vez de bater posso ir brincar com os legos”; “posso ir comer chocolate”; “posso dar as mãos”; “posso pintar”; “posso desenhar”, demonstrando que entenderam a finalidade da atividade e que era não usarem as mãos para bater.

As crianças foram depois encaminhadas para os respetivos lugares à volta das mesas para que, de acordo com o que lhes tinha sido transmitido anteriormente, dessem início a uma atividade onde cada uma iria desenhar a própria mão. Aqui, apesar de alguns terem necessitado de ajuda, a maioria conseguiu contornar a própria mão sem dificuldade.

### 2º dia

No tapete, o diálogo foi orientado no sentido de recordarem o que tinha sido lido no dia anterior. Todas as crianças revelaram ter entendido que não se pode usar as mãos para bater, referindo ainda, cada uma delas, vários usos que podiam dar às mãos.

De seguida, as mãos que já tinham sido recortadas e coladas num pau de gelado para serem usadas como fantoches, foram distribuídas pelas crianças (figura 16). Foi então sugerido que, cada uma usasse o seu fantoche para simular uma ação que podia fazer com as mãos e que os restantes imitassem. Esta atividade decorreu com grande entusiasmo. Usaram a respetiva mão, sempre na sua vez e verbalizando a ação que efetuavam: “Dizer adeus”;

“apontar para a rua”; “contar até 1,2,3,4,5”; “fazer festinhas no colega”. Quando o P. tentou bater com o fantoche na cabeça do G. que estava ao seu lado porque “estava em cima dele”, a L. sempre atenta disse-lhe: “não podes fazer isso, as mãos não são para bater!” A observação feita por esta criança e prontamente seguida pelas restantes, revelou que o conteúdo do livro tinha sido compreendido.

O recurso a fantoches para desenvolver atividades permite envolver as crianças em diversas atividades de um modo lúdico, contribuindo para uma compreensão mais eficaz.

De seguida as crianças dirigiram-se aos seus respetivos lugares onde, de acordo com o que tinham sido previamente informadas, deveriam colar as mãos que anteriormente tinham sido utilizadas como fantoches, na cartolina. Já com as mãos coladas, as frases elaboradas no dia anterior foram lidas em voz alta e entregues à criança que a tinha dito. Todas as crianças reconheceram a frase do dia anterior, como sua.

Posteriormente, cada criança dirigiu-se com a sua frase ao cartaz e colocou junto da respetiva mão. Aqui, também todas as crianças conseguiram identificar a própria mão e colar a respetiva frase junto da mesma.

Como forma de promover o diálogo, as crianças foram incentivadas a referirem uma outra frase sobre a utilidade das mãos e que foi acrescentada no placard sendo este, posteriormente colocado na parede exterior da sala para os pais apreciarem o trabalho coletivo das crianças (figura 17).

No dia anterior quando questionadas sobre as ações que podiam fazer com as mãos, foi necessário orientar as crianças nas respostas, talvez porque nunca tivessem sido confrontadas com o assunto. No entanto, neste dia as respostas eram rápidas tendo cada uma das crianças sugerido várias ações. As frases referidas (quadro 1), a rapidez da resposta e o número de frases que cada uma recordava, demonstraram que as crianças entenderam a mensagem transmitida:



*Quadro 1- Frases referidas pelas crianças antes e depois da leitura do livro*

Antes da leitura do livro	Depois da leitura do livro
Para dar as mãos Para calçar os sapatos Para dar as mãos aos amigos Para apanhar os brinquedos Para dizer os anos Para fazer fixe Para brincar	Para limpar os olhos quando estamos a chorar Para fazer festinhas à mãe Para ajudar a mãe a pôr a mesa Para dar as mãos aos amigos Para lavar os dentes Para vestir o casaco Podemos fazer um coração Para agarrar no volante Para apanhar do chão as folhas das árvores Para brincar com os legos Para contar Para pintar Para abraçar o pai e a mãe

Através do Quadro 1 é possível verificar que as crianças, após a leitura do livro, conseguiam pensar em mais formas úteis de utilizar as mãos, formas essas afetivas, como “dar as mãos aos amigos” ou abraçar o pai e a mãe”, ou relacionadas com a realização de tarefas, como “vestir o casaco” ou “lavar os dentes”.

3º dia

Com o objetivo de desenvolver a compreensão e a expressão oral, desenvolveu-se em grande grupo um diálogo para relembrar o conteúdo do livro usado para a exploração desta sequência didática. Foi realizada uma reflexão oral, na qual as crianças deram a sua opinião sobre o que pensavam e sentiam quando os colegas usavam as mãos para bater. É importante saber aproveitar o contributo de cada criança, valorizando sempre a participação de cada uma. Constatou-se que neste terceiro dia as crianças já conseguiam enumerar a maior parte



das ações constantes no livro e conseguiam entender que, dependendo das suas ações, podem fazer com que os outros fiquem tristes ou felizes, ou seja, que as ações têm consequências.

Como um dos objetivos da escolha deste livro foi a promoção dos valores e o controle das emoções, não houve aqui uma grande preocupação com a sequência temporal do texto, mas sim que as crianças fossem capazes de enumerar o maior número possível de ações a realizar com as mãos, bem como o que fazer quando se sentem zangadas, frisando sempre que não se deve bater.

No entanto, mesmo não existindo uma sequência temporal propriamente dita no conteúdo do livro, a atividade do reconto é sempre importante, pois promove o desenvolvimento da expressão oral, da memorização e da capacidade de estar atento para escutar os outros. Para poderem participar no processo comunicativo é essencial prestarem atenção e respeitarem a sua vez para intervir, pois só assim é possível compreender a mensagem e existir aprendizagem.

Ainda com as crianças na zona do tapete, foi colocado um vídeo com uma canção alusiva ao tema. Como tinha versos simples e que repetiam ações que já tinham sido referidas, depois de ouvirem duas vezes, algumas crianças já cantavam o refrão e acompanhavam com os gestos imitando os que visualizavam no computador.

*“ As mãos, as mãos...*

*Juntinhas representam união*

*As mãos, as mãos*

*Juntinhas elas fazem um coração “*

Neste último verso, todas usavam as duas mãos para formar um coração.

O interesse e a motivação que o grupo demonstrou com a aprendizagem desta canção foi evidente, tanto no momento da atividade, como ao longo do dia, com as crianças a repetirem alguns versos soltos que tinham decorado, principalmente o verso “as mãos, juntinhas elas fazem um coração” ouviu-se muitas vezes, mesmo quando, estavam a brincar nas várias áreas. Amado (1999, p. 39) refere que “a criança é capaz de sentir um enorme prazer em viver a música mesmo sem conhecer os seus códigos...”

As crianças foram de seguida encaminhadas para os respetivos lugares à volta da mesa com a orientação de que deveriam pintar vários cartões representativos de ações que se podem fazer com as mãos, os quais iriam ser posteriormente usados para construir um jogo. Esta atividade decorreu de forma positiva com as crianças envolvidas na pintura do seu próprio cartão mas, ao mesmo tempo curiosas com a ação que os colegas estavam a pintar: “eu estou a pintar as mãos a fazer um jogo, deixa ver as tuas”; “a minha mão está a fazer fixe!”; “a minha está a dar um abraço!”

Como o grupo pinta habitualmente com canetas de feltro, tem sido difícil fazer com que utilizem os lápis de cor, foi-lhes por isso proposto um outro material de pintura que, apesar de pintar como os lápis de cera, tem o formato de caneta (figura 18). Esta estratégia permitiu que desenvolvessem a atividade com entusiasmo e a pintura dos cartões foi efetuada com maior rigor, mesmo pelas crianças que não gostam muito de pintar, o que vai ao encontro do sugerido pelas OCPEPE (1997), quando referem que as crianças devem experimentar diversos materiais e instrumentos de expressão plástica. No entanto, como algumas crianças ainda não conseguem pintar apenas dentro da área, alguns cartões ficaram inutilizados e não foi possível utilizá-los para o jogo (figura.19). No entanto as crianças que os pintaram não se aperceberam que o seu cartão não estava, pois sendo previsível que isso acontecesse, havia cartões com imagens repetidas. Mais uma vez aqui, foi notória a diferença entre os níveis de desenvolvimento das crianças do grupo (figura 20).

Depois de todos os cartões estarem pintados, as crianças foram novamente encaminhadas para o tapete onde iria decorrer a atividade planeada com o uso dos cartões. O jogo consistia em retirar um dos cartões do interior de uma caixa colocada em cima de uma mesa, devendo cada criança, de acordo com a imagem retirada, efetuar a ação correspondente, passando de seguida a vez ao colega do lado.

As crianças envolveram-se com entusiasmo nesta atividade, respeitando a sua vez e “mimando” o respetivo cartão que retiravam, mesmo alguns que devido à pintura, não eram tão perceptíveis (figura 21).

As atividades desenvolvidas através de situações de jogos e dramatizações são de extrema importância, pois é a brincar que as crianças mais pequenas desenvolvem competências sociais e interiorizam as regras. Segundo Condessa (2009, p. 47), os momentos de jogo ou brincadeira podem ser organizados em prática pedagógica de modo a possibilitarem que a criança aprenda de um modo simples e lúdico.

Foi transmitido ao grupo de que o jogo iria ficar na sala para brincarem e consultarem.

As atividades desenvolvidas tiveram um balanço positivo na medida em que permitiu que existisse uma reflexão sobre como agir corretamente com os seus pares, dando alternativas a comportamentos agressivos em situações de *stress*.

Com a leitura deste livro foi possível promover não só a oralidade como a interiorização de que a violência é sempre um aspeto negativo.

As atividades desenvolvidas e que visavam fornecer alternativas a momentos de zanga ou de angústia, sugerindo alternativas à resolução de conflitos, foram, pelo menos nos dias da aplicação da sequencia pedagógica, bem aceites e assimiladas por um grande numero de crianças. É o facto de algumas crianças estarem constantemente a chamar a atenção, sempre que assistiam a algum gesto mais agressivo por parte de um colega, que permite essa conclusão.

A utilização das próprias mãos das crianças para a elaboração de fantoches proporcionou o envolvimento das crianças e promoveu o diálogo entre elas uma vez que segundo as OCEPE (1997, p.60), “facilitam a expressão e a comunicação através de um outro”.

No domínio da Expressão Musical, a aprendizagem da letra da canção em grupo, proporcionou um momento agradável e permitiu que as crianças estabelecessem uma ligação entre a linguagem e a Expressão Musical.

A estratégia de construir um jogo que ficou na sala ao alcance de todos e no qual se faz referência a algumas das ações corretas da utilização das mãos, será uma mais-valia para que, mesmo a brincar, vão interiorizando o que se pretendeu com o livro “As mãos não são para bater”.

A promoção de aprendizagens em várias áreas e domínios da Educação Pré-Escolar no desenvolvimento das atividades desta sequência didática só foi possível devido à transversalidade da área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Apesar de na planificação não constar a área da Formação Pessoal e Social, esta surgiu naturalmente durante o decorrer das atividades, o que foi uma mais-valia no enriquecimento do projeto e que comprova as vantagens da Literatura Infantil na articulação com as várias áreas e domínios da Educação Pré-Escolar.

O trabalho desenvolvido em torno do livro “As mãos não são para bater”, possibilitou várias situações de comunicação, desenvolvidas com o objetivo de fomentar o diálogo entre as crianças e o educador, despertando o interesse em comunicar e promovendo um maior

domínio da oralidade. A exploração deste livro, permitiu ainda uma abordagem na promoção da cidadania ao incentivar as crianças a refletir sobre as suas próprias ações e as dos outros bem como, as consequências das mesmas.



Figura 16 – Fantoques.



Figura 17- Mural coletivo.



Figura 18 – As crianças pintam os cartões com um material que desconheciam.



Figura 19 – Cartão inutilizado.



Figura 20 – Diferentes níveis de desenvolvimento.



Figura 21 – As crianças reproduzem as ações referidas nos cartões.

## Quarta sequência didática

### Relato e reflexão

#### 1º dia

A presente sequência didática desenvolve-se a partir do livro “A Lagartinha muito Comilona”, do autor Eric Carl, editado pela Kalandra e que é recomendado pelo Plano Nacional de Leitura.

No tapete, no momento do acolhimento, foi apresentada a capa às crianças para que estas, através da imagem, antecipassem o conteúdo do livro: “é a história da lagarta; a lagarta vai fazer uma festa; a lagarta vai brincar com os amigos.” A fase de pré leitura é muito importante, pois além de desenvolver a expressão oral, permite que as crianças recorram à imaginação para antecipar o conteúdo do livro.

Informadas do título da história as crianças acrescentaram: “a lagarta come muito; a lagarta come muitos doces; a lagarta foi ao restaurante com os amigos.” Enquanto num primeiro momento relacionaram o conteúdo do livro apenas com a imagem da capa, depois de saberem o título adequaram as hipóteses também ao título, tendo em conta conhecimentos prévios. Iniciou-se de seguida a leitura do texto, dando ênfase e de modo a criar suspense para que as crianças estivessem atentas e motivadas para o que viria a seguir.

Depois da leitura foi o momento de, em grande grupo, se refletir sobre o conteúdo do livro. Após todos terem referido que tinham gostado da história, recorreu-se a algumas questões para promover a expressão oral, bem como a compreensão dos personagens e dos acontecimentos da história:

Estagiária- Quem é o personagem da história?

Criança- A lagarta!

Estagiária- Onde começa a história?

Criança- Na árvore!

Estagiária- Como começa?

## Relatório Final

---

Criança- Quando a lagarta nasce!

Estagiária Em que dia é que isso aconteceu?

Criança- No domingo que é o dia de passear!

Estagiária- Então e depois de nascer o que fez a lagarta?

Criança- Comeu muito!

Criança - E cresceu!

Criança- Mas quando comeu doces ficou com dores de barriga!

Estagiária- Pois foi e o que aconteceu depois?

Criança- Como estava muito gorda e não podia andar fez uma casa à volta dela!

Estagiária-Sim, fez um casulo! E depois?

Criança- Quando saiu lá de dentro era uma borboleta!

As crianças revelaram que tinham compreendido o percurso que a lagarta percorreu ao longo do livro e que posteriormente foram informadas que era o ciclo de vida da lagarta.

Através do diálogo foi ainda possível perceber que os conhecimentos prévios do grupo permitiram uma maior compreensão da história. As diversas atividades que desenvolveram sobre a alimentação saudável, fizeram a ligação entre a dor de barriga da lagarta e a enorme quantidade de doces que tinha comido nesse dia.

A partir deste livro tão simples, foi possível transmitir conceitos tão complexos como a metamorfose.

O diálogo prosseguiu, desta vez recorrendo às páginas do livro para que, à medida que se referisse um dia da semana, as crianças pudessem relacionar a quantidade de frutos representada na imagem, pelo número referido oralmente. A leitura com texto e imagem permite ainda uma melhor compressão do livro no seu todo.

Estagiária- Na 2ª feira quantos frutos comeu?

Criança- Uma maçã!

Estagiária- E na terça?

Criança- Duas peras!

Estagiária- E na quarta?

Além de permitir que a criança relacionasse o número com a quantidade, a exploração deste livro facilitou ainda, devido às repetições, a memorização dos dias da semana.

Estagiária- E em que dia comeu menos?

Criança- Na segunda!

## Relatório Final

---

Estagiária- E em que dia comeu mais?

Criança- No sábado!

Estagiária- Então, no sábado comeu muito ou pouco?

Criança- Comeu muito!

No decorrer da atividade, eram usadas as respostas consideradas necessárias para avançar, de acordo com o que se pretendia. Esta atividade decorreu positivamente, uma vez que a dado momento, algumas crianças já não precisavam de contar para dizer quantos frutos comeu (por exemplo) na quarta-feira.

De seguida as crianças foram encaminhadas para os respetivos lugares à volta da mesa onde iriam pintar os frutos para serem usados no segundo dia da exploração da sequência didática. A atividade decorreu com grande entusiasmo, com as crianças a utilizarem os lápis de cera em forma de caneta de feltro. Os lápis de cera normais partem-se e, como são difíceis de manusear por ficarem muito pequenos, fazem com que as crianças percam a vontade de pintar. Em contrapartida o material disponibilizado às crianças é do agrado das mesmas, além disso, é mais prático que os lápis de cor normais pois, não necessitam de ser afiados.

A estratégia de mostrar as imagens ao mesmo tempo que se lê orienta a criança na interpretação da leitura.

A leitura de histórias promove na criança a aquisição de competências que lhe vão permitir a compreender o mundo, proporcionando aprendizagens emocionais e cognitivas contribuindo para o desenvolvimento da criança como indivíduo.

O diálogo desenvolvido entre estagiária /criança/ grupo/crianças foi orientado de modo a que todas as contribuições fossem valorizadas para que deste modo, se sintam motivadas para participar levando a um maior desenvolvimento da expressão oral.

O desenvolvimento da linguagem da criança é influenciado pelo contexto, uma vez que é dependente das interações que esta realiza, assim, é responsabilidade do ensino pré-escolar, promover ambientes linguisticamente estimulantes de modo a que a criança se desenvolva a nível cognitivo, linguístico e emocional.

Planear atividades que permitam favorecer aprendizagens significativas por parte das crianças e que se relacionem com a compreensão e expressão oral é uma das responsabilidades do educador.

O desenvolvimento do diálogo em grande grupo, permitiu às crianças, exporem oralmente os seus conhecimentos sobre os dias da semana e os frutos, bem como adquirirem novos



conhecimentos. A partilha de conhecimentos em grande grupo é uma forma de se promover a sistematização oral dos conteúdos.

2º dia

A continuação da exploração didática do dia teve início na zona do tapete em grande grupo, tendo como objetivo principal o desenvolvimento da expressão oral. Em grande grupo, as crianças relembaram o conteúdo do livro, dando-se especial atenção às regras de conversação. Para poderem escutar o que é dito pelos colegas e pela estagiária, é essencial estarem atentos e esperar a sua vez para participarem no processo comunicativo pois, só assim é possível compreenderem a mensagem transmitida. Este grupo tem evidenciado uma grande evolução neste sentido e atualmente já colocam o dedo no ar quando querem intervir, revelando interiorização das regras de conversação. A concentração revelada pelas crianças, é a razão pela qual neste dia, foram capazes de recordar os acontecimentos da história.

O reconto da história, além de desenvolver a imaginação e a curiosidade, ajuda a criança a estruturar o pensamento na medida em que desenvolve noções temporais de "antes", "depois de", "a seguir a", "no fim de".

Posteriormente as crianças foram informadas que para ser mais fácil saber o que a lagarta tinha comido em cada dia da semana iriam usar os frutos que tinham pintado no dia anterior e organizá-los em tabela.

Numa cartolina já dividida de acordo com os dias da semana, foram escritos os respetivos dias no eixo horizontal.

De acordo com as questões colocadas às crianças, estas iam colocando os frutos no local correspondente:

O que comeu a lagarta na 2ª feira?

E na 3ª feira?

Por vezes era necessário recorrer à imagem da página para avançar e, depois de todos os frutos estarem nos lugares e de o grupo ter confirmado que, de acordo com o livro estavam corretos, procedeu-se à colagem (figura 22).

A cartolina foi então colocada na parede e, para que as crianças entendessem-se a utilidade de terem organizado os dados em tabela foram colocadas algumas questões:

“Agora, sem recorrer ao livro, quantos frutos comeu a lagarta na 2ª feira? E na 3ª feira?”

As crianças responderam a estas questões sem dificuldade, algumas já nem precisavam de contar e respondiam rapidamente quando os frutos eram até cinco unidades.

Aqui, o dia que se pedia era apontado para que as crianças que ainda não reconhecem o dia da semana por escrito, saberem o que se estava a pedir. Desta maneira as crianças vão também associando o que é dito ao que está escrito. De acordo com Mata (2000), o contato com a escrita desde cedo, desenvolve nas crianças uma perspetiva sobre o que é a leitura e a escrita, promovendo o conhecimento sobre as funções da cada uma.

Nesta atividade, a partir da análise e da síntese das ideias, as crianças tiveram oportunidade de desenvolver a capacidade de organização da informação em tabelas de acordo com o que está previsto na Meta de Aprendizagem 28.

Através das questões que foram colocadas depois da tabela completa, foi possível perceber que o grupo era capaz de interpretar os dados que nela constavam e de compreender que não era necessário procurar no livro, para saber o que a lagarta tinha comido em cada dia da semana. Este modo de explorar o conteúdo do livro, além de estimular o diálogo e a troca de opiniões entre o grupo, desenvolve a capacidade de resolver problemas simples do dia-a-dia através de tabelas, levando-os a expressar e explicitar as suas ideias o que vai ao encontro do que é aconselhado pelas Orientações Curriculares (ME, p.78).

Devido à transversalidade da literatura Infantil e à possibilidade de articulação com as várias áreas, na exploração da tabela, promoveu-se ainda, o desenvolvimento de conceitos ligados à Área do Conhecimento do Mundo, mais concretamente no domínio da "Localização no espaço e no tempo" permitindo que as crianças distingam unidades de tempo básicas, de acordo com o que é referido na Meta 7.

As crianças foram de seguida encaminhadas para o ginásio onde se deu início a uma atividade de Expressão Dramática. Sentaram-se no chão formando uma roda e foram questionadas sobre "bichos-da-seda", se os conheciam e se tinham em casa. Todos sabiam o que era pois, já tinham visto em casa dos amigos, dos primos ou de algum vizinho. Uma das crianças, como têm um irmão mais velho, referiu que tinha em casa. Disse também que o pai trazia folhas e que ela ajudava a dar de comer aos bichos. Foi-lhes então sugerido que se deitassem no chão e que deviam imaginar que eram bichos-da-seda numa caixa como a que todos já tinham visto. De seguida as crianças deveriam deslizar pela sala imitando o movimento de locomoção do bicho-da-seda (figura 23).

Num segundo momento, foi sugerido às crianças que deveriam escolher um papel a representar, ovo, lagarta ou borboleta. De acordo com o sugerido deveriam, uma de cada vez, representar corporalmente e os restantes imitarem. Para que fosse mais fácil para algumas crianças saberem o que se pretendia foi-lhes dado um exemplo: “eu sou um ovo (deitando-se no chão e tocando com os joelhos no queixo). Foram selecionadas primeiro as crianças que estão num nível mais desenvolvido e as outras imitavam a dramatização (figura 24).

As crianças desenvolveram esta atividade demonstrando grande entusiasmo em imitar o ovo, a borboleta, a lagarta. No entanto a imitação preferida era a de borboleta pois podiam correr pela sala, abanando os braços como se voassem (figura 25). Segundo Leenhardt (1997, p.29), as atividades de expressão dramática, permitem que a criança adquira meios para se exprimir através do corpo, da voz, da voz e da emoção, dando-lhe acesso, através da percepção vivida, à linguagem teatral.

Esta atividade despertou nas crianças uma reação muito positiva pois, apesar de num primeiro momento terem ficado confusas, depois de exemplificado todas foram capazes de, na sua vez, imaginar um movimento que após a verbalização do mesmo, procediam à sua execução, sendo prontamente imitadas pelas restantes:

“ Eu sou um ovo e estou a dormir”;

Eu sou uma borboleta e vou voar muito alto!”;

“Eu sou uma lagarta e não sei voar mas ando como as cobras!”

3º dia

Em grande grupo foi lembrado o conteúdo do livro através de situações de diálogo iniciado com algumas questões:

Estagiária- Ainda se lembram da história que lemos sobre a lagarta?

Criança- Sim!

Estagiária- Então como começou a história?

Criança- Um ovo que tinha uma lagarta a dormir estava em cima de uma folha!

Criança- O ovo era muito pequena e a folha era muito grande!

## Relatório Final

---

Estagiária- E como terá o ovo surgido na folha? Quem é que pensam que pôs o ovo?

Criança- A galinha!

Estagiária - Sim a galinha põe ovos. Mas o que nasce dos ovos da galinha?

Criança - Um pintainho!

Estagiária- Então se o que saiu de dentro do ovo foi uma lagarta, quem pôs o ovo?

Criança- Foi outra lagarta!

Estagiária- Mas viram na história, a vida da lagarta desde que nasceu até que se transformou em borboleta, não foi?

Criança- Sim!

Estagiária- E viram a lagarta a pôr ovos?

Criança- Não!

Estagiária- Então, se não viram a lagarta a pôr ovos e se a lagarta se transformou em borboleta, quem é que será que põe os ovos de onde nascem lagartas?

As crianças ficaram algum tempo a refletir até que finalmente uma disse:

Criança- Eu já sei! Foi a borboleta!

Estagiária- Sim as borboletas é que põem os ovos. E o que acontece depois aos ovos?

Crianças- Nascem as lagartas!

Estagiária- E depois o que acontece?

Criança- Comem muito e ficam gordas!

Estagiária- Sim e depois?

Criança- Fazem um casulo para a lagarta ficar escondida a transformar-se!

Estagiária- Isso! Muito bem! A lagarta dentro do casulo transforma-se em borboleta que depois põe ovos de onde nascem mais lagartas. É o ciclo da vida da lagarta e nós vamos pintar os desenhos e colocar por ordem para perceber melhor o que acontece à lagarta.

O diálogo foi orientado de modo a que as crianças dessem as respostas consideradas necessárias para que compreendessem o ciclo de vida da lagarta. Nesse sentido, pode-se considerar que a atividade foi muito proveitosa pois, através das respostas obtidas foi possível perceber que as crianças foram gradualmente compreendendo o que se pretendia.

Através da análise das respostas é ainda possível concluir que a maioria das crianças possui a capacidade de ouvir as questões e de refletir sobre as respostas dadas quando estas não estão corretas.

Posteriormente, as crianças foram divididas em pequenos grupos, cabendo a cada um deles a pintura de uma das fases do ciclo da vida da lagarta (figura 26). Antes de iniciarem a pintura, as imagens foram mostradas uma a uma, sendo sugerido às crianças que as identificassem o que fizeram sem dificuldade pois, havia sempre alguma que dava a resposta correta levando os restantes a repetir.

No decorrer desta atividade as crianças revelaram grande concentração e nos desenhos que, por serem de dimensões mais reduzidas não era possível pintarem ao mesmo tempo, no entanto, esperavam pacientemente a sua vez para pintar.

A avaliação da pintura de algumas das fases do ciclo da lagarta revelou que algumas crianças já têm um grande desenvolvimento ao nível da motricidade fina (figura 27).

De modo a permitir que as crianças se sentissem parte ativa no processo de aprendizagem foi promovido em grande grupo um debate, onde se pretendia que cada um desse a sua opinião sobre o modo como se iriam colocar as várias partes do trabalho elaborado anteriormente. Desta forma, pretendia-se que as crianças refletissem-se sobre o que tinham aprendido e que através das suas próprias conceções e as dos colegas, construíssem novos conhecimentos. “A criança tem sempre em mente um tema de conversa, tem sempre algo a dizer, tem pensamentos que quer exprimir e um pensamento só merece esse nome, se for produzido pelo próprio” (Dewey, 2002, p.54).

Depois de várias opiniões e de outras tantas tentativas, da melhor forma de colocar numa cartolina, os desenhos representativos das fases do ciclo de vida da lagarta, os vários grupos concluíram que colando em círculo, se percebia melhor “que depois da lagarta aparece novamente o ovo”.

Quando todos concordaram que aquela era a melhor maneira, procedeu-se à colagem e à colocação da cartolina na parede exterior da sala.

As crianças encaminharam-se depois para os respetivos lugares à volta das mesas onde iria decorrer uma atividade cujo objetivo visava desenvolver nas crianças, a competência e coordenação necessárias para uma iniciação à escrita. A atividade consistia na elaboração de uma ficha individual, onde se pretendia que cada criança, primeiro com o dedo e depois com um lápis, contornasse por cima do pontilhado em forma circular. Esta tarefa decorreu de forma positiva, pois as crianças estão habituadas a realizar tarefas de iniciação à escrita e todas elas, de uma forma mais ou menos rigorosa, revelam bastante coordenação e algumas competências necessárias para realizar os traços prévios ao processo de iniciação à escrita.

A exploração deste livro possibilitou o desenvolvimento de atividades não só na área da Linguagem Oral e Abordagem com também na área da Matemática, no Conhecimento do Mundo, da Expressão Plástica e ainda na área da Expressão Dramática. Na área da matemática permitiu que se desenvolvessem atividades promotoras da construção do numeral, a contagem, a organização de dados em tabela e a análise dos resultados. Na área do Conhecimento do Mundo este livro facilitou a compreensão do processo biológico implícito na história (metamorfose) ao descrever e ilustrar de um modo muito simples as várias etapas da vida da lagarta. Faz ainda referências ao dia/noite, aos dias da semana e à passagem do tempo. Foi possível ainda, através da exploração deste livro, desenvolver um diálogo sobre a importância de uma alimentação correta para o crescimento. Na área da expressão dramática, usando conhecimentos prévios das crianças em relação a um tipo de lagarta (bicho da seda) que normalmente todas as crianças conhecem, foi possível desenvolver uma atividade lúdica

A exploração desta história serviu ainda para despertar nas crianças a curiosidade para o conhecimento da natureza, dar a perceber e conhecer o que é a metamorfose, sempre em clima de promoção da oralidade.

O desenvolvimento de atividades em várias áreas deve-se à transversalidade da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Para que exista desenvolvimento da expressão oral, é necessário promoverem-se atividades de interação comunicativas entre as crianças e os adultos. As propostas pedagógicas elaboradas através de atividades lúdicas revelaram-se uma mais-valia no sucesso do projeto ao promoverem a envolvimento e participação das crianças nas atividades propostas, levando a uma maior consolidação das aprendizagens.



Figura 22 – Tabela com os dias da semana



Figura 23- As crianças imitam o rastejar da lagarta



Figura 24 – As crianças imaginam que são um ovo.



Figura 25 – As criança imitam a borboleta.



Figura 26 – Os elementos do grupo aguardam pacientemente a sua vez de pintar.



Figura 27 – Quadro com o ciclo de vida da lagarta concluído.

### 4.6- Avaliação do Plano de ação

A avaliação do plano de ação foi efetuada através da observação das crianças no decorrer das atividades desenvolvidas a partir da exploração das histórias e pelas respostas das crianças a algumas questões no reconto, nomeadamente: quem, onde, como, porquê, com quem.

As questões colocadas às crianças no momento do pós conto, ajudaram o grupo na compreensão dos acontecimentos das histórias e promoveram o diálogo. As respostas a estas questões, bem como, as reflexões realizadas, levaram a concluir que a implementação do plano de ação permitiu que as crianças tirassem partido das aprendizagens e que através das suas conceções construíssem novos conhecimentos.

Apesar da idade precoce das crianças, foi notória a evolução demonstrada ao longo deste percurso e a generalidade do grupo demonstrou que adquiriu uma maior competência linguística. As interações entre as crianças e entre as crianças e o adulto, demonstraram que este projeto foi bem implementado pois o objetivo de promover a oralidade através do conto e do reconto foi conseguido.

O desenvolvimento do projeto teve efeitos positivos pois, verificou-se que as crianças desenvolveram a capacidade de concentração além da notória evolução na compreensão do vocabulário decorrente da exploração oral das histórias. Isto foi possível, através da promoção de diálogos, de partilha de ideias, opiniões e conhecimento fomentados em grande grupo, após a leitura da história. No momento do reconto, era promovida a discussão acerca dos pontos principais e no desenvolvimento das várias sequências pedagógicas tendo sempre em atenção as situações de diálogo.



### 5-REFLEXÕES FINAIS

Comunicar é, sem dúvida, a essência do ser humano, tornando-se extremamente importante no desenvolvimento da criança. É através da interação entre adultos e crianças que se desenvolvem as capacidades comunicativas, de modo a adquirir as competências linguísticas que irão permitir o domínio eficiente da língua materna de cada indivíduo.

Tanto a família como a escola têm um papel fundamental no processo de aquisição do gosto pela leitura, devendo ser iniciado precocemente.

Segundo alguns autores, as crianças que se habituam a ler histórias desde bebés são as que mais facilmente aprendem a ler na escola.

Assim, a leitura é de grande importância no desenvolvimento educacional das crianças e jovens, como se pode perceber pelos efeitos positivos que produz. O papel do educador é muito importante na fomentação do diálogo, na medida em que a comunicação é um aspeto essencial no dia-a-dia das crianças. Assim, é através do diálogo que as crianças aprendem a exprimir-se corretamente não só ao falar, como também ao ouvir os outros. Mesmo quando brincam, falam entre si, ou questionam o adulto estes momentos estão sempre presentes.

Cabe ao educador usar estes momentos para promover aprendizagens, proporcionando momentos de comunicação em grande grupo, em pequeno grupo, narrar, reproduzir ou inventar histórias, acontecimentos, debater as regras de grupo, planejar atividades, negociar a distribuição de tarefas, fazer perguntas para obter informações. Cabe aos educadores estarem bem preparados para que, em contexto formal, possam transmitir o gosto pela leitura.

### 5.1 Implicações do estágio

A realização de um estágio permite-nos, não só aplicar os conhecimentos que adquirimos, como ainda aprender novos métodos e estratégias.

Ao observarmos as estratégias utilizadas por outros profissionais podemos, por um lado, identificarmo-nos com a forma como desenvolve a sua prática ou, pelo contrário, perceber que o que faz está incorreto aprendendo assim com os erros dos outros e o que não fazer ou evitar.

Um curso de Educadores de Infância é essencialmente prático. Toda a teoria aprendida não servirá de nada se não existir uma prática supervisionada, que nos direcione para a reflexão do trabalho efetuado, de modo a que toda a ação possa ser melhorada.

Segundo Korthagen (2009), na formação de professores, a articulação contínua entre a prática e a teoria consiste numa abordagem realista, onde as suas principais características são: a de “trabalhar com base em situações reais com as quais se confrontam durante o ensino e que causaram preocupação ao aluno, futuro professor”.

Assim, é de extrema importância que na formação dos educadores exista um trabalho baseado em situações reais, de modo a que estes se possam confrontar e refletir sobre o que observam.

“Para promover a aprendizagem contínua dos professores, temos de desenvolver a sua competência de desenvolvimento. Por conseguinte, teremos de investir mais no desenvolvimento da sua capacidade para dirigir a sua própria aprendizagem” (Korthagen, 2009).

Segundo Schön (referido em Alarcão, 1996), o futuro profissional necessita de alguém mais experiente e informado que o ajude no início da sua prática profissional, devendo ser alguém que seja simultaneamente orientador, conselheiro e amigo.

Ainda segundo este autor, a ação dialogante entre o observado e o experienciado conduz à construção do conhecimento. Os futuros educadores, ao colocarem em prática os conhecimentos teóricos, podem refletir sobre a sua própria ação de modo a poderem fazer uma avaliação das estratégias utilizadas.

A partir do conhecimento adquirido, tanto ao nível da teoria como no âmbito pessoal e profissional, é possível desenvolver novas estratégias que melhorem a prática pedagógica.

A realização do estágio permite, ainda, a elaboração de várias estratégias e planificações que, ao serem aplicadas de um modo controlado e supervisionado, vai permitir que ao serem experimentadas e corrigidas/ melhoradas possam ser de extrema utilidade no futuro profissional.

O estágio permite compreender a necessidade de trabalhar em equipa com os colegas, as famílias e até mesmo com a comunidade em que está inserido o contexto. Esta troca de vivências e saberes promove um enriquecimento pessoal, tornando-nos mais maduras, tolerantes e reflexivas.

Deste modo a vivência de um estágio supervisionado permite conciliar os conhecimentos teóricos à prática vivenciada, através da observação do comportamento e do quotidiano dos educadores. Penso, no entanto, que o estágio, por ser feito com a mesma educadora, limita essa mesma possibilidade de contactar com estratégias diferentes podendo mesmo, em alguns casos, limitar a capacidade criativa e autónoma das estagiárias, pois tudo depende da prática da educadora que lhes for destinada.

Posso, ainda, considerar como um aspeto limitador, a dificuldade de conciliar a vida profissional com o horário da prática pedagógica.

## 6- Referências Bibliográficas

Chomsky, N. (1998). *Linguagem e Pensamento: Petrópoles*. Rio de Janeiro: Vozes.

Coelho, N. (2000). *Literatura infantil. Teoria, análise e didática*. SP: Moderna

Cunha, L. A. S. (2002). *Formação inicial do professor da educação básica: contribuição da teoria sobre o professor reflexivo no Estágio Supervisionado*. Dissertação de Mestrado Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo

Cunha, S. M.S. (2011). *A aprendizagem da leitura e da escrita – fatores pedagógicos e cognitivos*. Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação. Acedido em: <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/1524/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20de%20Sandra%20Cunha%20%20Aprendizagem%20da%20leitura%20e%20da%20Escrita.pdf?sequence=1> (consultado em 8-01-14)

Gonçalves, V. R.B. (2011). *Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar*. Relatório de Estágio para obtenção do Grau de Mestre em Educação Pré-Escolar. Acedido em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/6840/1/RELATO%CC%81RIO%20DE%20ESTA%CC%81GIO%20%20MESTRADO%20EM%20EDUCAC%CC%A7A%CC%83O%20PRE%CC%81-ESCOLAR.pdf> (consultado em: 10/02/14)

Homann, M., & Weikart, D. (2009). *Educar a criança*, (5ª Edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Korthagen, Fred A. J. (2009). A prática, a teoria e a pessoa na aprendizagem profissional ao longo da vida. In Flores, Maria Assunção; VEIGA SIMÃO, Ana M. (Orgs.). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas*. Mangualde: Edições Pedagogo, p. 30-60.

Lima, A. O. (s.d). *Educação infantil: as rotinas no desenvolvimento da autonomia*. Acedido em [http://www.xxcbcd.ufc.br/arqs/gt1/gt1\\_18.pdf](http://www.xxcbcd.ufc.br/arqs/gt1/gt1_18.pdf). A. (Consultado em 12-01-14).

Matta, I. (2001). *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

ME-DEB (2001). *Orientação Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: ME-DEB.

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação. (1996). *Educação Pré-Escolar em Portugal*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.

Ministério da Educação (1998). *Qualidade e Projeto*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Moniz, Maria M.T. (2009). *Abordagem da Leitura e da Escrita na Educação Pré-escolar em Contexto de Supervisão em Angra do Heroísmo*. Dissertação de Mestrado em Supervisão Pedagógica, especialização em Educação de Infância. Acedido em:

<https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/456/1/DissertMestradoMariaMargaridaTevesMoniz>. Pdf (consultado em 3/05/14).

Moreno, J. (2009). Promover a leitura junto das crianças e dos jovens (reflexão sobre a promoção da leitura) In *Problemas e Desafios da Biblioteca Escolar*. Tese de Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares. Lisboa: Universidade Aberta.

Pereira, J. D., Lopes & M. C. (2007). *Fantoches e outras formas animadas*. Amarante: Intervenção – Associação para a promoção e divulgação cultural Pérez, (s.d).

Pereira, A. (2009). *A escrita no jardim-de-infância*, PowerPoint, Instituto Superior de Ciências Educativas

Piaget, J. (1977). *A linguagem e o pensamento da criança*. São Paulo: Moraes Editores.

Ponte, J. P. (2002). Investigar a nossa própria prática. In *GTI (Org), Reflectir e investigar sobre a prática profissional* (pp. 5-28). Lisboa: APM.

Revista Interface. O desenvolvimento da oralidade na educação infantil (2010). Acedido em: [http://www.revistainterfaces.com.br/Edicoes/2/2\\_21.pdf](http://www.revistainterfaces.com.br/Edicoes/2/2_21.pdf) (Consultado em: 27-12-2013).

Rebelo, D. & ATALAIA, L. (2000). *Para o Ensino e Aprendizagem da Língua Materna* (2.<sup>a</sup> Ed.). Lisboa: Livros Horizonte.

Rigolet, Sylviane A. (2009). *Ler livros e contar histórias com as crianças: como formar leitores ativos e envolvidos*. Porto: Porto Editora

Rigolet, S. A. (1998). *Para uma Aquisição Precoce e Optimizada da Linguagem*. Porto: Porto Editora.

Rodrigues, Letícia F. (2012). *Os Fantoches na Educação Pré-Escolar e o desenvolvimento de competências sociais*. Relatório de Estágio para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º. Repositório Científico do IPCB.

Acedidoem:<http://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/1609/4/Tese%20Let%C3%ADcia%20%20Final%20com%20corre%C3%A7%C3%A3o.pdf> (Consultado em 8-10-13)

Roldão, M. C. (1999). Currículo e gestão curricular: o papel das escolas e dos professores. In *Ministério da Educação, Fórum: escola, diversidade, currículo*. Lisboa: Ministério da Educação

Sabino, M. M. C. (2008). Importância educacional da leitura e estratégias para a sua promoção. *Revista Iberoamericana de Educación*. Acedido em: <http://www.rieoei.org/jano/2398Sabino.pdf>. (Consultado em: 10/02/14)

Santos, A. I. (2007). *A Abordagem à Leitura e à Escrita no Jardim-de-Infância: Concepções e Práticas dos Educadores de Infância*. Dissertação de Doutoramento em Educação. Universidade dos Açores.

Santos, L.B. S. (2010) *Estágio supervisionado de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental do curso de pedagogia – licenciatura: um estudo de caso*. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Educação. Acedido em: <http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8149-estagio-supervisionado-de-educacao-infantil-e-anos-iniciais-do-ensino-fundamental-do-curso-de-pedagogia-licenciatura-um-estudo-de-caso.pdf> (consultado em 4-10-13).

*Semana Pedagógica*. Acedido em: <http://www.ppe.uem.br/semanadepedagogia/pdf/M/M-16.pdf.09-01-14>. (Consultado em: 09/01/14).

Sim-Sim, I (2001). A Formação para o Ensino da Língua Portuguesa na Educação Pré-Escolar e no 1º ciclo do Ensino Básico. *Cadernos de Formação de Professores*, nº2, pp. 51-64, Porto: Porto Editora.

Sim-Sim, I. (2001). A formação de Professores para o ensino da escrita. In *A formação do ensino para a Língua Portuguesa na Educação Pré-escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: Porto Editora, pp.35-48.

Sousa, Alberto B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação – 1.º volume* (87-89). Lisboa: Horizontes Pedagógicos – Instituto Piaget.

Traça, Mª Emília (1998). *O Fio da Memória – do conto popular ao conto para crianças*. Porto: Porto Editora.

Vasconcelos, T. M. (1997). *Ao Redor da Mesa Grande: A prática educativa de Ana*. Porto: Porto Editora.

.



# Apêndices

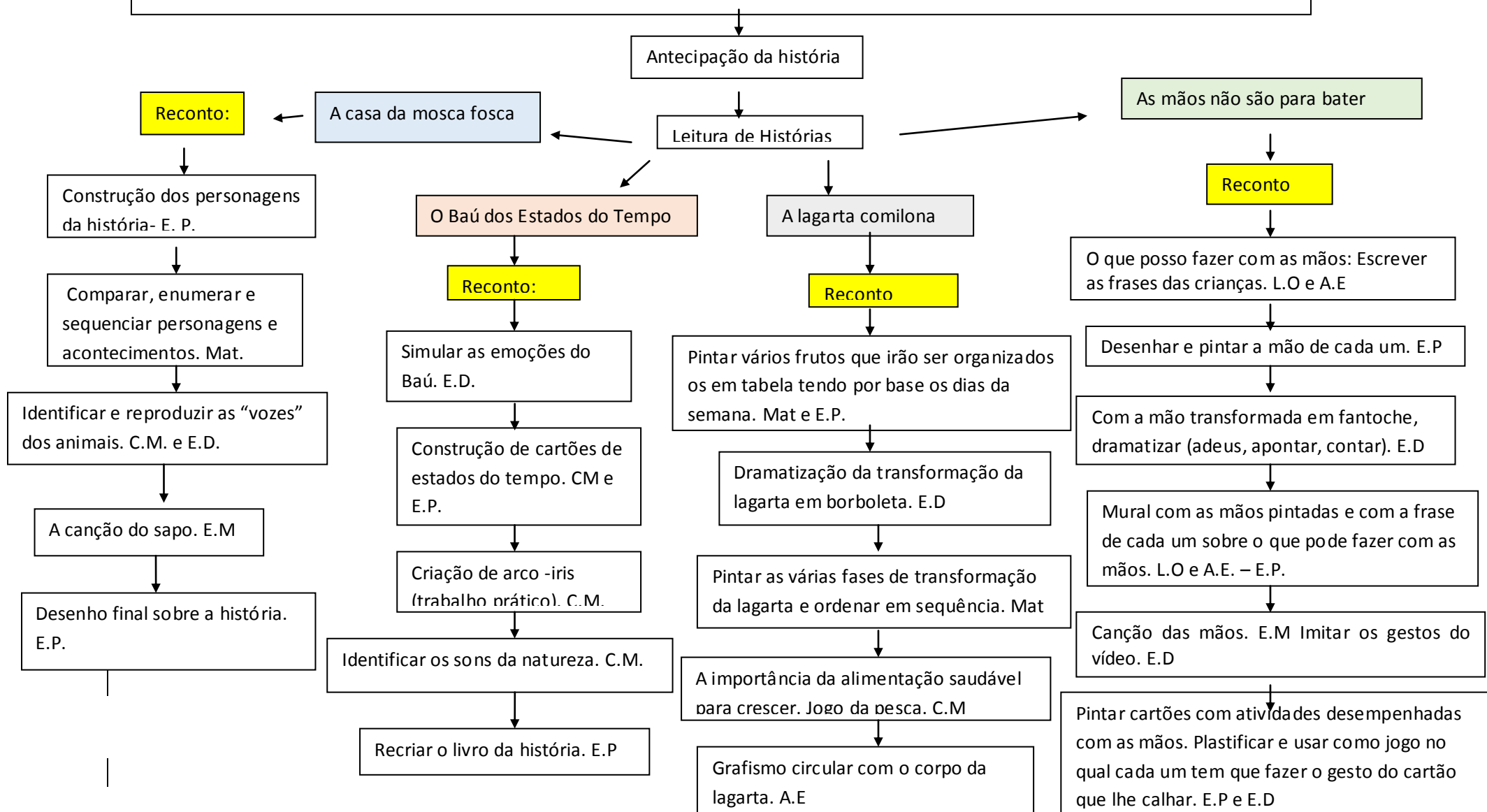


## Relatório Final

Meses e Semanas  Fases de Trabalho		MARÇO				ABRIL			MAIO				JUNHO				
		24/2 a 28/2	10/3 a 14/3	17/2 a 21/2	25/3 a 28/3	1/4 a 4/4	8/4 a 12/4	21/4 a 25/4	28/5 a 2/5	5/5 a 9/5	12/5 a 16/6	19/5 a 23/5	26/5 a 30/5	2/6 a 6/6	9/6 a 13/6	16/6 a 20/6	23/6 a 27/6
FASES DO PROJETO	Elaboração																
	Implementação																
	Avaliação/Divulgação																
IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO	A casa da mosca fosca																
	O Baú dos Estados do Tempo																
	A lagarta comilona																
	As mãos não são para bater																
AVALIAÇÃO DIVULGAÇÃO	Apresentação do projeto																

## Relatório Final

### O CONTO E O RECONTO COMO ESTRATÉGIA ENALTECEDORA DO DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE



## Relatório Final

Livro: A Casa da Mosca Fosca Sala dos 3 anos 1º dia			Data: 22/04/2014  O conto e o reconto como estratégia enaltecedora do desenvolvimento da oralidade		
Área de conteúdo	Domínios	Objetivos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Compreensão dos Discursos Orais e Interação Oral	Promover a compreensão da mensagem transmitida oralmente. Estimular a imaginação das crianças. Adquirir e ampliar o vocabulário próprio da idade Conhecer as propriedades rítmicas da linguagem. Identificar os personagens e os protagonistas de um conto	Antecipação do conteúdo do livro através do título e da capa. Informar as crianças que a história será lida sem mostrar as imagens mas que posteriormente estas serão mostradas (para as crianças as descreverem).  Ler a história dando especial ênfase às rimas, ritmos e repetições existentes no texto. Mostrar então as imagens e dizer o nome de cada personagem para que as crianças o repitam.  Conversar com as crianças sobre o que acabaram de ouvir: o que gostaram mais; quem entra na história; onde se passa a história; qual o personagem preferido.	Livro Desenhos dos personagens Velcro Plastificadora	Verificar se as crianças conseguem antecipar o conteúdo do livro. Verificar se as crianças se apropriaram de palavras novas. Verificar se as crianças são capazes de se aperceber das rimas e ritmos do conto em questão. Avaliar se as crianças conseguem estar atentas para que possam entender o conteúdo do livro, identificando os personagens e as ações decorridas
Expressão plástica	Produção e Criação	Realizar composições plásticas individuais e em grupo	As crianças pintam os vários personagens da história para serem posteriormente recortados, plastificados e que, depois de colados em velcro, serão usados para dar continuidade às atividades.		Perceber se as crianças são capazes de manipular corretamente os utensílios básicos

# Relatório Final

Livro: A Casa da Mosca Fosca Sala dos 3 anos 2º dia			Data: 23/04/2014 O conto e o reconto como estratégia enaltecadora do desenvolvimento da oralidade		
Área de conteúdo	Domínios	Objetivos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Compreensão dos Discursos Oraís e Interação Oral	Promover a compreensão da mensagem transmitida oralmente	Relembrar a história Usar as imagens pintadas no dia anterior como auxílio no reconto. Fazer perguntas que permitam que as crianças coloquem sequencialmente os personagens da história. -Quem é o personagem principal desta história? - Porque a Mosca Fosca resolveu fazer uma festa? - Quem foi o 1º a chegar à Casa da Mosca Fosca? - E o 2º? E o 3º? (...)	Livro Desenhos dos personagens Flanógrafo	Perceber se as crianças são capazes de fazer o percurso do reconto.
		Promover a percepção de sequência temporal Estabelecer posições face a um elemento de referência	- Quem chegou depois do Sapo? - Quem chegou antes do Urso Lambão? -Quem foi o último a chegar? -No final, quantos animais ficaram na casa? -Porque é que o Urso Lambeiro comeu o bolo todo? (as imagens serão colocadas de acordo com as respostas das crianças).		Perceber se as crianças têm a percepção de sequência temporal
Matemática	Números e operações	Enumerar e utilizar os nomes dos números no contexto.	Incentivar as crianças a contarem os animais expostos		Verificar se as crianças conseguem contar os animais corretamente

	Geometria e medida	. Classificar objetos de acordo com o critério dado	Direcionar o diálogo para o tamanho dos personagens da história. -A mosca é maior ou mais pequena que o sapo? - E que animal é maior que o lobo? Incentivar as crianças a reorganizarem os animais por ordem crescente e decrescente. Usar expressões de maior/menor; à frente/ atrás; rápido/lento.		Verificar se as crianças assimilaram as noções de maior e menor. Perceber se as crianças conseguem colocar os animais em ordem crescente e decrescente, de acordo com o tamanho.
--	--------------------	--	--	--	---

## Relatório Final

Livro: A Casa da Mosca Fosca Sala dos 3 anos      Data: 24/04/2014 3º dia			O conto e o reconto como estratégia enaltecadora do desenvolvimento da oralidade		
Área de conteúdo	Domínios	Objetivos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Conhecimento do Mundo	Conhecimento do ambiente natural	Identificar os sons emitidos pelos animais. Imitar vocalmente os sons dos animais.	Usar o computador para que as crianças identifiquem os animais de acordo com o som que cada um emite.	Livro Desenhos dos personagens Flanógrafo Computador	Perceber a quantidade de animais que as crianças já conseguem distinguir apenas pelo som.
Expressão Dramática	Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação		Reproduzir os sons dos animais		Verificar se as crianças conseguem reproduzir um número variado de sons emitidos pelos animais
Expressão Musical		Cantar canções utilizando a memória	Cantar a canção do “ eu vi um sapo”		Verificar se as crianças identificam a letra e a melodia da canção.
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Compreensão dos Discursos Oraís e Interação Oral	Promover a compreensão da mensagem transmitida oralmente	Usar as imagens e o flanelógrafo para que as crianças relembrem o texto. Fazer as perguntas que remetam para a estrutura do conto.		

		Compreender a estrutura das histórias	<ul style="list-style-type: none"><li>• <b><u>Introdução:</u></b> Era uma vez...</li><li>• Quando? Quem? Onde? Porquê?</li><li>• <b><u>Desenvolvimento:</u></b></li><li>• Com quem? Como?</li><li>• <b><u>Conclusão:</u></b></li><li>• Como acabou?</li></ul>		Perceber se as crianças conseguem responder às várias perguntas da estrutura do conto, demonstrando que se vão apropriando da estrutura do texto
--	--	---------------------------------------	---	--	--

## Relatório Final

Livro: O Baú Sala dos 3 anos <b>1º dia</b>		Data: 29/04/2014		O conto e o reconto como estratégia enaltecadora do desenvolvimento da oralidade	
Área de conteúdo	Domínios	Objetivos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita  Conhecimento do Mundo  Expressão Plástica	Compreensão dos discursos orais e interação verbal	Compreender narrações e ampliar o vocabulário. Estimular a criança a comunicar, a ter iniciativa, a observar e a trabalhar as regras de conversação – saber ouvir e esperar pela sua vez de falar.	Antecipação do conteúdo da história. Contar a história do Baú.  Diálogo sobre o que aconteceu ao Baú. O que gostaram mais e o que pensam sobre as transformações que ele sofreu e, se fossem eles a alterar o Baú, como o fariam. Conversar sobre o que está no interior do Baú	Livro com a História do Baú  Baú e cartões  Ficha	Verificar se as crianças são capazes compreender o que se passou com o Baú  Verificar se as crianças são capazes de esperar a sua vez para falar
	Conhecimento do ambiente natural e social	Identificar elementos do ambiente natural.	Uso do Baú para marcar o estado do tempo no Verão, no Inverno e acabar com a marcação do tempo que faz no próprio dia.		Verificar se as crianças conseguem distinguir o tempo que faz no Inverno e no Verão.
	Desenvolvimento da capacidade de Expressão e comunicação	Desenvolver a observação, espírito criativo e utilizar vários materiais.	Elaboração de uma ficha com o desenho do Baú original e onde têm que desenhar as transformações que observaram.		Verificar se as crianças conseguem observar o que falta no Baú e reproduzi-lo.



## Relatório Final

Livro: O Baú Sala dos 3 anos 2º dia			Data: 30/04/2014  O conto e o reconto como estratégia enaltecadora do desenvolvimento da oralidade		
Área de conteúdo	Domínios	Objetivos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Linguagem Oral E Abordagem à Escrita	Compreensão dos discursos orais e interação verbal	Compreender narrações e ampliar o vocabulário. Estimular a criança a comunicar, a ter iniciativa. Promover as regras de conversação – saber ouvir e esperar pela sua vez de falar	Relembrar a história do Baú e o que lhe aconteceu. Falar dos sentimentos, como o Baú se sentia e como se sente no final. . Como acham que se sentiriam se fossem um Baú esquecido no sótão? . E como se sentiriam depois de conhecerem os meninos na escola?	Baú Folhas com a história	Verificar se as crianças se lembram da história e se são capazes de perceber os sentimentos vividos pelo Bau
Expressão Plástica	Desenvolvimento da capacidade de Expressão e comunicação	Desenvolver a observação e espírito criativo. Manipulação de materiais variados.	Marcação do estado do tempo. Explicar que irá ser elaborado um livro tendo, para isso, que cada um contribuir, pintando e colando os objetos que faltam em cada folha.  Recriação do livro em pequeno através de pintura e colagem		Observar se as crianças são capazes de esperar a sua vez para falar   Verificar se as crianças conseguem observar o que falta no Baú, em cada folha, de acordo com o que é lido

## Relatório Final

Livro: O Baú Sala dos 3 anos 3º dia			Data: 01/05/2014 O conto e o reconto como estratégia enaltecadora do desenvolvimento da oralidade		
Área de conteúdo	Domínios	Objetivos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Linguagem Oral E Abordagem à Escrita  Expressão Plástica	Compreensão dos discursos orais e interação verbal	Compreender narrações. Ampliar o vocabulário Estimular a criança a comunicar, a ter iniciativa, a observar e a trabalhar as regras de conversação, saber ouvir e esperar pela sua vez de falar	Relembrar a história do Baú e o que lhe aconteceu. Marcação do estado do tempo. Explicar que irão fazer cartões para serem diariamente usados na marcação do tempo.	Baú Retângulos de cartolina com desenhos de nuvens, sol, trovoadas, chuva. Algodão Papeis coloridos Cola Lápis de cor	Verificar se as crianças se lembram da história  Verificar se as crianças são capazes de esperar a sua vez para falar
	Desenvolvimento da capacidade de Expressão e comunicação	Desenvolver a observação e espírito criativo. Manipular materiais diversos	Elaboração de cartões representativos dos estados do tempo através de pintura e colagem.		Verificar se as crianças conseguem reproduzir os cartões.

## Relatório Final

Livro: As mãos não são para bater. Sala dos 3 anos <b>1º dia</b>			Data: 6/05/2014  O conto e o reconto como estratégia enaltecadora do desenvolvimento da oralidade.		
Área de conteúdo	Domínios	Objetivos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Linguagem Oral e Escrita  Abordagem à Escrita  Expressão plástica	Compreensão dos discursos orais e interação verbal	Compreender narrações e ampliar o vocabulário.  Através da leitura do livro compreender que as mãos servem para realizar muitas atividades sem ser para bater.	Antecipação do conteúdo da história. Visionamento e leitura do livro "As mãos não são para bater." Diálogo sobre a história "O que posso fazer com as mãos?" Escrever as respostas das crianças.	História em formato digital Computador Cartolina Lápis de cor Paus de gelado	Verificar se as crianças são capazes de antecipar o conteúdo da história.
	Desenvolvimento da capacidade de Expressão e comunicação	Construir fantoches	As crianças desenham as mãos em cartolina usando a sua como modelo (contornando-a). Depois de pintadas serão recortadas e coladas em um pau de gelado.		Verificar se as crianças entenderam que as mãos têm muitas funções mas que não são para bater.  Verificar se as crianças são capazes de contornar a própria mão.

## Relatório Final

Livro: As mãos não são para bater Sala dos 3 anos			Data: 7/05/2014  O conto e o reconto como estratégia enaltecadora do desenvolvimento da oralidade		
<b>2º dia</b>					
Área de conteúdo	Domínios	Objetivos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Linguagem Oral e Escrita  Abordagem à Escrita  Expressão dramática  Expressão Plástica	Compreensão dos discursos orais e interação verbal  Desenvolvimento da criatividade  Desenvolvimento da capacidade de Expressão e comunicação	Promover a interação verbal  Expressar gestualmente, sentimentos, emoções e ideias.  Construir um mural usando as mãos recortadas.	Diálogo com o grupo sobre o que se pode fazer com as mãos.  Usar as mãos recortadas e sugerir às crianças que as utilizem para vários gestos de acordo com o que lhes indicar (apontar, dizer adeus, fazer festas no colega, tocar no nariz, coçar a orelha, contar-1,2,...)  Colar numa cartolina as mãos e por baixo de cada uma, colar a frase que cada um disse no dia anterior. Tentar que cada criança diga mais uma frase sobre a utilidade das mãos e escrever ao lado (ou em baixo) da sua mão.	Cartolina Cola Tesoura	Verificar se as crianças conseguem enumerar algumas ações que se podem realizar com as mãos.  Verificar se as crianças conseguem usar a sua mão recortada para imitar os gestos sugeridos.  Verificar se as crianças são capazes de colaborar de modo a criar uma composição plástica coletiva

## Relatório Final

Livro: As mãos não são para bater Sala dos 3 anos <b>3º dia</b>			Data: 8/05/2014  O conto e o reconto como estratégia enaltecida do desenvolvimento da oralidade		
Área de conteúdo	Domínios	Objetivos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Compreensão dos discursos orais e interação verbal.	Utilizar a linguagem oral como forma de se relacionar com os outros.	Em grande grupo, relembrar o que se pode fazer com as mãos.	Cartões com imagens de ações das mãos Lápis de cor Saco de pano	Verificar se as crianças são capazes de enumerar várias utilizações das mãos.
Expressão Musical		Memorizar e reproduzir canções simples.	Visionamento de um vídeo com uma canção sobre as mãos: As crianças aprendem a letra e imitam os gestos do vídeo.		Verificar se as crianças são capazes de memorizar e entender a canção
Expressão Plástica	Desenvolvimento da capacidade de Expressão e comunicação.	Adquirir competências básicas manipulativas.	Pintar cartões com imagens sobre ações das mãos. Com as crianças sentadas em círculo no tapete e colocar os cartões num saco. Cada uma, na sua vez, retira um e realiza o gesto que é sugerido na imagem passando o saco ao colega do lado.		Verificar a capacidade que as crianças já têm de pintar apenas o que se pretende.
Expressão Dramática	Desenvolvimento da criatividade.	Conhecer as possibilidades expressivas do próprio corpo. Promover as regras	Posteriormente, estes cartões serão plastificados para serem usados como jogo na sala.		Verificar se as crianças conseguem cumprir as regras do jogo e entender pela imagem o que se pretende que faça.

## Relatório Final

Livro: A Lagarta Comilona Sala dos 3 anos 1º dia			Data: 13/05/2014 O conto e o reconto como estratégia enaltecadora do desenvolvimento da oralidade		
Área de conteúdo	Domínios	Objetivos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita  Conhecimento do Mundo  Matemática  Expressão Plástica	Compreensão dos discursos orais e interação verbal  Conhecimento do ambiente natural e social  Geometria e medida  Desenvolvimento da capacidade de Expressão e comunicação	Compreender narrações e ampliar o vocabulário  Compreender que a lagarta sofre transformações ao longo da vida  Conhecer e utilizar quantificadores (mais/menos; muito/pouco)  Recordar os frutos que aparecem na história	Antecipação do conteúdo da história. Contar a história da Lagarta Comilona. Diálogo sobre a história: O que gostaram mais e o que pensam que aconteceu à lagarta  Diálogo com as crianças sobre os alimentos que a lagarta comeu: “ Em que dia comeu mais frutos? E menos?” Pintar os vários frutos que aparecem na história.	História em formato digital Computador Desenhos de frutas Lápis de cor	Verificar se as crianças são capazes de antecipar o conteúdo da história. Verificar se as crianças são capazes de esperar a sua vez para falar. Verificar se as crianças perceberam o que aconteceu à lagarta. Verificar se crianças conhecem e utilizam corretamente os quantificadores (mais/menos; muito/pouco) Verificar a capacidade que as crianças já têm na utilização dos materiais

## Relatório Final

Livro: A Lagarta Comilona Sala dos 3 anos 2º dia			Data: 14/05/2014 O conto e o reconto como estratégia enaltecida do desenvolvimento da oralidade		
Área de conteúdo	Domínios	Objetivos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Compreensão dos discursos orais e interação verbal.	Compreender narrações e ampliar o vocabulário Estimular a criança a comunicar, a ter iniciativa, a observar as regras de conversação – saber ouvir e esperar pela sua vez de falar	Em grupo relembrar a história dando atenção às regras que regem os diálogos de conversação  Utilizar os frutos pintados pelo grupo e posteriormente recortados para serem colados numa tabela dividida pelos dias da semana. (Na 2ª feira a lagarta comeu... na 3ª feira a lagarta comeu... em que dia comeu mais frutos?)	Cartolina CD com música lenta Cartolina Frutos recortados Cola	Verificar se as crianças são capazes de antecipar o conteúdo da história e se utilizam as regras de conversação.
Matemática	Organização e tratamento de dados.	Promover a recolha de dados e a sua organização em tabela. Interpretar dados em tabelas.			Verificar se as crianças conseguem distribuir os frutos pelos dias da semana correspondentes.
Conhecimento do mundo	Localização no espaço e no tempo.	Adquirir competências básicas de medidas de tempo.	Sugerir às crianças que imaginem que são bichos-da-seda e que vivem numa caixa de sapatos. De acordo com as várias fases sugerir às crianças os respetivos movimentos corporais (encolher como se estivessem no ovo, rastejar, voar)		Verificar se as crianças distinguem unidades de tempo básicas; dia/noite; dias de semana).
Expressão dramática	Desenvolvimento da criatividade	Conhecer e utilizar as possibilidades expressivas do próprio corpo.			Verificar se as crianças conseguem utilizar as capacidades expressivas do próprio corpo.

## Relatório Final

Livro: A Lagarta Comilona Sala dos 3 anos 3º dia			Data: 15/05/2014 O conto e o reconto como estratégia enaltecida do desenvolvimento da oralidade		
Área de conteúdo	Domínios	Objetivos	Estratégias/Atividades	Recursos	Avaliação
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Compreensão dos discursos orais e interação verbal	Compreender narrações e ampliar vocabulário. Estimular a criança a comunicar, a ter iniciativa, a observar e a trabalhar as regras de conversação, saber ouvir e esperar pela sua vez de falar.	Em grupo relembrar a história dando atenção às regras que regem os diálogos de conversação.	Cartolina	Verificar se as crianças são capazes de fazer o reconto da história e respeitar as regras de conversação.
Conhecimento do Mundo	Identificar elementos do ambiente natural	Reconhecer as características do ciclo da vida da borboleta (metamorfose)	Falar das várias fases da transformação da lagarta em borboleta utilizando imagens	Imagens das fases da transformação da lagarta.	Verificar se as crianças perceberam as transformações que ocorrem na lagarta até esta se transformar em borboleta.
Expressão Plástica	Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação	Reconhecer e compreender as várias fases de transformação da borboleta	Dividir o grupo em pequenos grupos de modo a que cada um pinte uma das fases. Os desenhos representativos de cada fase serão colados por ordem sequencial depois de essa ordem ser debatida em grande grupo.	Lápis de cera	Verificar se as crianças são capazes de colaborar com os colegas na realização de um trabalho plástico coletivo, utilizando corretamente os materiais.
	Conhecimento	Adquirir a competência e coordenação necessárias para uma iniciação à escrita	Individualmente será elaborada uma ficha, na qual está representada uma lagarta e	Ficha com grafismos	



Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	das convenções gráficas		que se pretende que cada criança passe, primeiramente com o dedo e de seguida com um lápis, por cima do pontilhado em forma circular.		Verificar se as crianças têm a coordenação e competência necessárias para realizar os traços prévios ao processo da escrita.
--------------------------------------	-------------------------	--	---	--	--